

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
Politécnico de Coimbra - [www.esec.pt](http://www.esec.pt)

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016



## Ficha técnica

### *MoveOn* – Publicação bianual

A revista **MoveOn** é propriedade do Gabinete de Relações Internacionais da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC).

#### **Créditos:**

Diretor – Pedro Balaus Custódio

Coordenador de edição: Pedro Balaus Custódio

Edição e composição – Rita Pinto

Design gráfico – José Pacheco

Editor convidado – Nelson Tamayo

Nesta edição agradecemos a colaboração de:

Abel Losa Vidal

Ana-Maria Paunescu

Anna Krupa

António Damásio

Debora Miroslaw

Fernando Sadio Ramos

Francisco Campos

Joanna Dudek

José Pedro Coehlo e Silva

Lino Matos

Malgorzata Stankiewicz

Maria do Rosário

Nelson Tamayo

Pedro Balaus Custódio

Rita Pinto

Sylwia Jablonska

## Nesta edição:

Nota editorial, p.3

A Experiência Fulbright, p.8

Erasmus+: testemunhos de docentes, p.10.

Balanço de 2 anos ERASMUS+, p.21

Concurso Literário do CLP/Camões-UMCS, p. 25

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

## *MoveOn* – Biannual Publication

The *MoveOn* magazine is the property of the International Relations Office of the Coimbra School of Education (Escola Superior de Educação de Coimbra, ESEC).

### **Credits:**

Director – Pedro Balaus Custódio

Coordinator: Pedro Balaus Custódio

Edit and Layout – Rita Pinto

Graphic Design – José Pacheco

Guest Editor – Nelson Tamayo

We thank the following collaborators for their contributions to this edition:

Abel Losa Vidal

Ana-Maria Paunescu

Anna Krupa

António Damásio

Debora Miroslaw

Fernando Sadio Ramos

Francisco Campos

Joanna Dudek

José Pedro Coehlo e Silva

Lino Matos

Malgorzata Stankiewicz

Maria do Rosário

Nelson Tamayo

Pedro Balaus Custódio

Rita Pinto

Sylwia Jablonska

## In this Edition:

Editorial Note, p.6

The Fulbright Experience, p. 8

Erasmus+: Professor Accounts, p.10

ERASMUS +: 2 years in perspective,  
p.23

CLP/UMCS-Camões Literary Contest,  
p.25

## Nota editorial

Pedro Balauus Custódio

Coordenador do Gabinete de Relações Internacionais da ESEC

Lançamos hoje o número II da **MoveOn**, a primeira edição das duas previstas para este ano de 2016.

Nesta revista poderemos encontrar, para além das habituais colaborações de docentes, colegas de *staff* e de alunos Erasmus, dois novos contributos de que nos orgulhamos em particular.

O primeiro diz respeito à colaboração do Professor Nelson Tamayo, assistente Fulbright ao longo deste ano letivo. No artigo de abertura, o nosso colega de Boston faz a sua apresentação e explica-nos as especificidades e as funções dos assistentes de língua inglesa que a Comissão Fulbright tem espalhados pelo mundo.

É, como sabemos, a primeira vez que a cidade de Coimbra tem um professor ao abrigo deste programa americano de mobilidade, e é exatamente a Escola Superior de Educação que teve o privilégio de receber este docente, fruto de uma candidatura entre a Presidência da instituição e o Gabinete de Relações Internacionais.

Também com enorme destaque, divulgaremos neste número diversos textos produzidos no âmbito de um Prémio Literário em Língua Portuguesa promovido pela **Universidade Marie Curie Skłodowska (UMCS)**, de Lublin, na Polónia.

Esta prestigiada instituição de ensino superior ministra várias licenciaturas no âmbito do Português e alberga, simultaneamente, um dos mais dinâmicos centros de investigação do Instituto Camões na Europa.

Ora, graças a uma parceria que o Gabinete de Relações Internacionais estabeleceu há dois anos atrás, a ESEC tem hoje um relacionamento único com esta universidade, com a qual mantemos uma troca muito expressiva de alunos em mobilidade Erasmus+ e, ainda, a realização de outros eventos de teor científico, de entre os quais destacamos agora este prémio literário, e do qual publicamos os textos premiados, exclusivamente redigidos por alunos polacos e de outras



nacionalidades que procuram a UMCS para realizar os seus estudos superiores em Português.

Antes de encerrar este breve editorial, gostaríamos também de destacar cinco aspetos aos quais atribuímos especial relevo. O primeiro deles diz respeito ao número de acordos que firmamos no último ano letivo: 12.

Estes vieram juntar-se aos já existentes, perfazendo atualmente 158 protocolos internacionais que muito prestigiam a ESEC e o IPC. Estes resultados são fruto do trabalho dos diretores de curso, do GRI e do GCRP que, mediante ações de informação diretas, levadas a cabo nas aulas pelas Dr<sup>as</sup> Rita Pinto e Alda Antunes, permitiram levar junto dos alunos, de modo muito mais próximo, a apresentação do programa Erasmus+ e o esclarecimento de dúvidas sobre as candidaturas.

Um outro ponto de destaque vai para a progressiva informatização de todos os processos de candidatura às mobilidades, quer de alunos, professores ou *staff*, através de uma plataforma que gere e rentabiliza, de modo eficaz, as fases de submissão e os dados, desburocratizando e simplificando o trabalho e os procedimentos inerentes a este programa.

Um terceiro aspeto refere-se ao crescimento exponencial de alunos que, neste momento, frequentam os cursos de Português para alunos estrangeiros em mobilidade no IPC. São, no ano lectivo, 221 e representam um acréscimo de 50,3% relativamente ao ano anterior.

Esta realidade espelha-se, também, no *Portuguese Intensive Language Course*, uma atividade letiva da responsabilidade da Vice-presidência do IPC mas que é sempre acolhida na ESEC, onde os alunos são recebidos e onde decorrem as aulas, no início de ambos os semestres letivos.

Este ano, o aumento foi significativo e traduz, de forma muito objetiva, a estratégia de intensificação de acordos e de mobilidades internacionais entre o IPC e as universidades europeias.

A quarta nota incide, ainda, sobre a expansão e divulgação da língua e da cultura portuguesa que, este ano, fruto de estratégias do IPC e da vinda de alunos exteriores ao espaço europeu e ao Programa Erasmus+, possibilitou um curso intensivo de média duração, destinado exclusivamente a alunos paquistaneses e indianos.

Uma última palavra vai para a afirmação desta pequena revista junto dos seus parceiros internacionais.

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

Assim, a partir deste número, a edição da **MoveOn** será integralmente bilingue, à exceção dos textos programáticos publicados no âmbito dos programas de cooperação ou de prémios literários em Português.

Estamos em crer que esta opção editorial poderá contribuir para a atratividade de edição de conteúdos por parte dos nossos parceiros europeus e, em simultâneo, aumentar o escopo e o alcance desta publicação no espaço de divulgação das relações internacionais que lhe está destinado.

Esperamos continuar a contar com a vossa colaboração nos próximos números.

Até lá!

*Pedro Balau Custódio*

## Editorial Note

Pedro Balau Custódio

Director of the International Relations Office of ESEC

Today we publish the second issue of *MoveOn*, the first of two editions to be published in 2016.

In addition to the normal contributions from professors, staff, and Erasmus students, in this edition we are particularly proud to have two new contributors.

First, we have a piece by Professor Nelson Tamayo, a Fulbright English Teaching Assistant for the 2015-2016 school year from the United States. In the opening article, our colleague from Boston will introduce himself and the work that he and many others like him do across the world under the framework of the Fulbright Program.

This is the first time that the city of Coimbra has received a professor through the American exchange program, and specifically it was the Escola Superior de Educação that had the privilege of receiving him as the result of an application submitted by the President and the International Relations Office.

In this issue, we will also share several texts produced as part of a Portuguese Language Literary Contest run by the **Marie Curie Skłodowska University (UMCS)** in Lublin, Poland. This prestigious institution of higher education offers various degrees related to Portuguese studies and also boasts one of the most dynamic Camões Institution research centers in all of Europe.

Thanks to a partnership that the International Relations Office established two years ago, ESEC has a unique relationship with this university, with which we maintain a strong exchange of students through the Erasmus+ program and cooperate on other projects including this literary contest exclusively written by Polish students and others who sought out UMCS as the place to study Portuguese.

Before closing this short editorial note, we would also like to point out five aspects, which deserve particular attention.

The first of which relates to the number of agreements that we signed during the last school year: 12.

This brings the total number of international protocols up to 158. These new agreements are the fruit of the hard work done by the course directors, the GRI, and



# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

the GCRP, which under the guise of Rita Pinto and Alda Antunes were able to better spread the relevant information pertaining to the Erasmus+ program and help clear up any confusion about the application process.

Another point to highlight is the progress made in digitalizing all of the mobility application process – for students, professors, and staff – through a platform which manages the applications thereby simplifying and streamlining the process.

The third point to highlight is in regard to the exponential growth of students who, in this moment, are taking Portuguese as a Foreign Language classes throughout the IPC. 221 mobility students took a Portuguese class this school year; this represents a 50.3% increase over last year.

This can also be seen in the *Portuguese Intensive Language Course*, a program offered by the Vice President of the IPC but administered through ESEC. This course is targeted for exchange students at the start of each semester. This year, the growth in our international presence and translates objectively to the intensification strategy for international mobility agreements between the IPC and other European universities.

The fourth point to highlight relates to the expansion and spread of Portuguese language and culture, which, is due to the IPC strategies as well as the arrival of foreign students through the Erasmus+ Program, it allowed for an intensive course of half duration, exclusively for Pakistani and Indian students.

A final word goes to the affirmation of this small magazine along with its international partners.

From this issue on, *MoveOn* will be a completely bilingual publication with the exception of programmatic pieces published under the framework of cooperation programs or literary contests in Portuguese.

We believe that this editorial decision will allow the magazine's contents to appeal to a wider range of our European partners, while also augmenting the scope and reach of this publication as a tool in growing the international relations, which it fundamentally seeks to do.

We look forward to working with you on future issues.

Until then!

Director of the International Relations Office

*Pedro Balau Custódio*



## The Fulbright Experience

Nelson Tamayo

2015-2016 Fulbright English Teaching Assistant

Originally hailing from Boston, Massachusetts in the northeast corner of the United States, it was more than sheer coincidence that I found myself working in Coimbra, Portugal just one year out of college. In May of 2015 I graduated from The George Washington University in Washington, D.C. with a B.A. in International Affairs and with a Minor in French Language, Literature, and Culture. Having also extensively studied the lusophone world (including the Portuguese language) as an undergraduate, and with a strong desire to pursue an international experience after college, I decided to apply for a Fulbright Fellowship to serve as an English Teaching Assistant in Portugal for the 2015-2016 academic year.



The Fulbright Program is run by the United States Department of State in collaboration with over 140 other countries. Named after its visionary founder Senator J. William Fulbright of Arkansas, the Program was established by the U.S. Congress at the conclusion of the Second World War with the principal objective of promoting “mutual understanding between the people of the United States and the people of other countries.” The Fulbright Program offers merit-based fellowships for Americans wishing to teach English, conduct research, or lecture abroad, and for foreigners to study, teach, and conduct research in the United States. Today, the Fulbright Program is widely recognized as one of the most prestigious international exchange programs in the world, as it has cultivated a network of over 300,000 alumni who are leaders in a wide-range of disciplines including education, science, and the arts.

As a Fulbright English Teaching Assistant at ESEC my day-to-day activities include teaching conversational English to members of the faculty, staff, and administration, and providing administrative and logistical support to the International Relations Office. Additionally, I give special lectures to students of various courses with the objective of providing an American perspective on the material being studied. Part of my duties as a Fulbrighter is also to engage with the

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

community at-large, which I have done as a member of the American Group of Coimbra by helping to organize and lead a series of guest lectures on the 2016 U.S. Presidential Elections in collaboration with the American Studies Section of the Anglo-American Studies Department at the College of Letters of the University of Coimbra.

One of the strengths, in my opinion, of the Fulbright Program is its innate flexibility and the richness and diversity of opportunities available to grantees. As a Fulbrighter I am proud to say that I have gained experience in teaching and international educational exchanges, as well as informal cultural diplomacy. For more information on the Fulbright Program, please visit: <http://eca.state.gov/fulbright>.

## Erasmus+: testemunhos de docentes / Erasmus+: Professor Accounts

**Fernando Sadio Ramos**

### **Breve nota sobre uma estada de formação em Madrid**

A azáfama do trabalho e das ocupações pessoais não me permitira visitar Madrid, com tranquilidade, desde 2007. A última estada fora em Setembro de 2015, mas por pouquíssimas horas, entre a chegada de um voo de Melilla pelas 8h e a saída do comboio para Coimbra, cerca das 22h. Disse “pouquíssimas” porque a capital Espanhola avassala-nos com uma tal oferta de vida que tempo algum é suficiente para disfrutar dela e ficamos sempre com água na boca! A melhor forma de resolver o excesso dessa oferta foi, então, partilhar essas horas com uma amiga de longa data, aproveitando para tratar “ao vivo e em directo” de pormenores relacionados com iniciativas académicas que temos em curso e convocando o que de melhor tem Madrid em termos de tapas para nos acompanhar nessa tarefa. A despedida foi feita com um “Até já!”, já que estava prevista para breve esta estada de formação na Faculdade de Educação da Universidade Complutense de Madrid, embora sem data marcada.

A definição de datas passou a ser possível quando se determinou o dia das provas públicas de doutoramento de um aluno dessa Universidade: 15 de Janeiro. Assim, a estada decorreu entre 12 e 15 de Janeiro passado.

Em princípio, sendo pleno Inverno, habitualmente rigoroso em Madrid, a primeira impressão agradável foi o carácter ameno das temperaturas deste Inverno particularmente suave, que possibilitou algumas revigorantes caminhadas, de extensão considerável, pela cidade. Isto, a par de uns bons quilómetros feitos circulando nas estações de metro, acedendo aos comboios e efectuando as necessárias ligações!

Já as restantes impressões da estada corresponderam ao que se antecipara, dado ir trabalhar com pessoas já conhecidas de trabalhos realizados noutras visitas

ao País vizinho, assim como com companheiros do meu Grupo de Investigação, sediado na Universidade de Granada.

Efectuou-se o desenvolvimento das actividades previstas no plano de formação, a saber, trabalho dentro do contexto do processo e júri de um doutoramento, sessões de disseminação de projectos que tenho em curso [revista científica *DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, instrumento de aprendizagem *Caderno de Experiências de ApS (Aprendizagem em Serviço)*®, os movimentos académicos *Encontro de Primavera*®/ *SIEMAI*®] e análise de viabilidade de um projecto I+D no campo da Gerontologia Social.

A estada contribuiu consideravelmente para a minha realização profissional, académica e pessoal. Ter ocasião de poder desenvolver actividades organizacionais com professores de outra Universidade, trocando experiências, pontos de vista e desenvolvendo trabalhos e projectos comuns é algo de importante no desenvolvimento pessoal e profissional de docentes do Ensino Superior e devemos pugnar pela manutenção e reforço destes programas Europeus. Este desiderato é particularmente digno de ser afirmado no actual contexto de potencial regressão da ideia Europeia.

Em complemento destas notas soltas, deixo duas fotos significativas da estada.



Universidade Complutense de Madrid -  
Faculdade de Educação/Universidad  
Complutense de Madrid-School of  
Education



Palácio Real de Madrid (pormenor) / Royal  
Palace of Madrid (closeup)

## A Short Note on a Training Stay in Madrid

The bustle of work and my personal life has not allowed me a calm visit to Madrid since 2007. The last stay was in September of 2015, and only lasted a few short hours between the arrival of my flight from Melilla around 8 AM and the

departure of my train for Coimbra at 10 PM. I said “a few” because the Spanish capital’s liveliness overwhelms us to such a degree that that a few short hours are never enough to live it all and we always leave wishing we could have spent more time there! The best way to take advantage of such a short stay, is thus, to share those hours with a dear friend, making sure to take full advantage of all the sites related to the academic initiatives that we have going on, as well as the best that Madrid has to offer in terms of tapas. Our goodbyes were merely see-you-later’s since I was planning on returning for a short training at the School of Education at the Universidad Complutense de Madrid, though the dates had not yet been decided.

We were able to fix the dates of my trip once the date of the public doctorate exams for a student at the University had been decided: the 15<sup>th</sup> of January. Thus, the trip ran from the 12<sup>th</sup> through the 15<sup>th</sup> of this past January.

Since I arrived in the middle of winter – typically a rigorous period in Madrid – my first impression was quite pleasant since the weather was rather balmy, which allowed for some refreshing walks through the city.

The rest of my stay corresponded nicely to what I had been anticipating which was to work with people I had already met on projects that had been done during other trips to our neighboring country, as well as with colleagues from my research group based out of the University of Granada.

The training activities were carried out as planned. The activities mostly concerned the process and context by which a jury hears a doctoral dissertation defense, information sessions on some projects I have underway (scientific magazine *DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, learning tool *Caderno de Experiências de ApS (Aprendizagem em Serviço)*®, academic movements *Encontro de Primavera*®/ *SIEMAI*®) and the analysis of an I+D project related to social gerontology.

This stay contributed considerably to my professional, academic, and personal development. Having had the opportunity to develop organizational activities with professors from another university, all the while sharing experiences, points of view, and developing common works and projects is something that I consider to be very important for professors in higher education. We should work to maintain and strengthen these European programs. This desideratum is particularly worthy of being affirmed given the current context of the potential regression from the European idea.

Above are two photos that are emblematic of my stay.

**JOSÉ PEDRO CERDEIRA COELHO E SILVA**

**MARIA DO ROSÁRIO CASTIÇO BARBOSA DE CAMPOS COELHO E SILVA**

Ceuta é um pequeno território sob administração espanhola, inserido no reino de Marrocos e com fortíssimos vestígios da presença portuguesa. É uma cidade mosaico que vale a pena conhecer e onde pode ser interessante estudar. Seja pela diversidade das referências culturais, políticas e religiosas (cristãs, muçulmanas, judaicas), seja pela qualidade do património e das infra-estruturas, seja ainda pelo clima e pelo ambiente social é uma cidade que seguramente vai estar no centro do relacionamento entre a Europa e a África, entre o norte e o sul. É por isso uma cidade que se recomenda para quem queira perceber o passado e antever o futuro.



# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

Ceuta is a small territory under Spanish administration – an enclave of Spain in the Kingdom of Morocco and bears great vestiges of Portuguese presence. It is a mosaic city that is well worth the visit and where it may be very interesting to study. Be it due to the diversity of cultures, politics, and religions (Christianity, Islam, and Judaism), be it for the quality of heritage sites and infrastructures, be it yet for the climate and social environment, it is surely a city that lies in the middle of Euro-African relations, between north and south. Thus, it's a city recommended to anyone who wishes to witness the past and preview the future.



**Francisco Campos**

**António Damásio**

### **“Uma experiência enriquecedora na Turquia...”**

Os docentes da área de Ciências do Desporto da Escola Superior de Educação (ESEC) do Politécnico de Coimbra (IPC) têm participado regularmente em diferentes programas de mobilidade Erasmus. Após a realização de mobilidades em Missão Docente, Missão STAFF e Erasmus+ (Espanha, Roménia, Inglaterra e Escócia) e Intensive Programme ERASMUS (República Checa, Itália, Croácia e Hungria), entre outros países, em 2015 realizámos mobilidade à Universidade de Balikesir (Turquia).

Os principais objetivos desta mobilidade foram: (1) conhecer, *in loco*, o programa curricular dos cursos ministrados no âmbito das Ciências do Desporto e as instalações (para fins educativos e desportivos) da Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade de Balikesir; (2) apresentar o programa curricular e os principais conteúdos abordados no curso de Desporto e Lazer (DL) da ESEC; (3) apresentar os programas e atividades associadas ao curso (Night Runners Coimbra, Gabinete de Desporto IPC, Semana de Campo de DL, entre outros); (4) desenvolver parcerias em termos de intercâmbio de estudantes e docentes, ao abrigo de programas de mobilidade Erasmus.

Foi uma experiência enriquecedora, a exemplo de todas as outras, a qual permitiu conhecer uma nova realidade sociocultural e socioprofissional, conhecer novas filosofias e metodologias de trabalho (em termos técnicos, académicos e/ou de investigação), e a definição de linhas conjuntas de cooperação e investigação a desenvolver num futuro próximo.



## **“An enriching experience in Turkey...”**

Professors from the Department of Sports Science of the Polytechnic Institute of Coimbra’s (IPC) School of Education (ESEC) have regularly participated in different mobility programs through Erasmus. After having completed Professor and Staff Mobilities, and Erasmus+ (Spain, Romania, England, and Scotland), and Erasmus Intensive Program (Czech Republic, Italy, Croatia, Hungary), in 2015 we also had mobility at the University of Balikesir (Turkey), among other countries.

The main goals of this mobility were to: (1) get to know, *in loco*, the curriculum and the facilities (educational and practical) for courses offered by the Department of Sports Science by the College of Physical Education and Sport of the University of Balikesir; (2) present the course structure and topics covered by ESEC’s Sport and Leisure course; (3) present programs and activities associated with the course (e.g. Night Runners Coimbra, Sport Office of the IPC, Sport and Leisure Field Week, etc.); and (4) develop an exchange partnership for students and professors through the Erasmus program.

This mobility was an enriching experience, just like the others, which allowed for interaction with a new sociocultural and socioprofessional environment. It also enabled the learning of new teaching philosophies and work methodologies (both technical, academic, and investigatory), as well as defining the terms by which joint research and cooperation projects may be developed moving forward.

## Mário Montez

### Dobrý den!

Era Fevereiro de 2012 e o tempo estava frio...bastante frio. No hall de uma moderna biblioteca de Hradec Kralové cumprimentei uma colega checa que eu conhecera num escaldante dia de Maio do ano anterior, na ESEC. Estávamos no intervalo de um seminário para alunos de Trabalho Social, no qual me pediram para apresentar algo sobre animação socioeducativa. Abordei a colega descontraidamente, com o mesmo espírito com que nos despedíramos em Coimbra após umas descontraídas cervejas na Praça. Nesse dia de calor abrasador, um ano antes, éramos eu, ela e o colega dela que é também seu marido, e que me convidara a visitar a sua universidade. No dia frio de inverno, nessa mesma universidade, em Hradec Kralové, era eu, ela e umas colegas dela...num hall aquecido de uma biblioteca.

Do you remember me?

Silêncio e um olhar vindo do alto dos seu cento e oitenta e tal centímetros de altura. Continuei.

That very hot day in Coimbra...

Yes, yes.

Oh great! So, how are you? It's very nice to see you again...

Yes, yes.

Gelava o rio Elba lá fora e gelava o olhar dela em mim. Continuei, ziguezagueando o olhar por entre as várias colegas que tentavam seguir a conversa em inglês. Recebi mais um ou dois yes yes do estilo nem ata nem desata, até que ela me fincou o olhar sóbrio e me esclareceu num tom assertivo:

I'm talking to my colleagues. I will talk with you later.

E é nestes momentos que um homem tenta desesperadamente enfiar a cabeça...o corpo todo por um buraco dentro. Eu tinha interrompido uma conversa de intervalo de um seminário, num hall de uma biblioteca municipal; aquele momento que em Portugal usamos para tagarelar um pouco, conhecer e apresentar pessoas. Mas ali, cometi um crime. A minha colega checa não é fria; é uma excelente e calorosa pessoa com muita criatividade que cozinha uma deliciosa sopa kaputzniska de couve e



ameixa seca, entre outros petiscos também de nome bizarro. O marido dela é um divertido professor de Trabalho Social que cozinha petiscos na brasa.

O meu primeiro, e inesperado, choque cultural na Europa aconteceu durante a minha primeira mobilidade Erasmus e primeira visita à República Checa.

Desde esse dia voltei a trabalhar com a Zuzana e com o Jan; conheci outro Jan e outra Zuzana e dois Mirek, entre outras várias pessoas com nomes a que não estava habituado. Durante quatro anos o Jan e a Zuzana têm voltado a Portugal e a Coimbra. Desenvolveram uma investigação sobre as famílias checas no nosso país para a qual utilizaram uma metodologia visual participativa por mim sugerida e co-orientada. Por isso colaborei num artigo sobre os resultados desse trabalho.

Eles voltam todos os anos para reforçar o espólio bibliográfico de uma biblioteca de cultura checa que ajudaram a criar em Faro. Eu tenho regressado à República Checa e a Hradec Kralové para dar aulas e realizar workshops sobre uma ferramenta de trabalho socioeducativo que tenho vindo a desenvolver. Juntámos as nossas famílias e ficamos alojados na casa de cada um. Comemos comida caseira e discutimos assuntos vários de trabalho e da vida até às tantas da manhã. Eu vou conseguindo dizer algumas palavras checas para pedir comida ou cumprimentar pessoas e eles aprendem português de verdade em aulas na universidade. Eles criaram um clube de cultura portuguesa no âmbito de uma organização que dirigem: Clube Cafe Pessoa. Já lá se apresentaram outras colegas da ESEC. Em 2014 representei a ESEC, e Portugal, num congresso de Trabalho Social da universidade de Hradec Kralové.



Ao longo do tempo temos ainda trocado vinho por cerveja e peixe fresco por queijo na brasa; calor do nosso país por uma paisagem urbana verdejante; casas caídas por bonitos edifícios medievais. Recebemos alunos de lá; eles recebem, hoje mesmo, dois estagiários da ESEC. Aprendemos de um lado e do outro. Trabalhamos

juntos, partilhamos ideias e também revoltas contra os mesmos moínhos da globalização exacerbada, das crises reais e inventadas e das feridas que doem aos povos mais vulneráveis. Tanto nós como eles somos periféricos e constantemente dominados por vontades externas. Apesar disso, haverá sempre *vepřové* com cerveja

ou sardinhas com vinho branco. Haverá por mais tempo um trabalho e uma amizade que entretanto se construíram.

## Dobry Den!

It was February of 2012 and the weather was cold, really cold. In the hall of a modern library of Hradec Kralové, I greeted a Czech colleague whom I had met on a scalding May day the year before at ESEC. It was during a break for a Social Work seminar for students, for which I had been asked to present on socioeducational animation. I liked this relaxed colleague, who had the same spirit as the one with which we said good-bye in Coimbra after a few casual beers in the main square. On that scorching day, a year before, she, another colleague who also happens to be her husband, and I sat together and I was invited to visit her university. On a cold winter's day at that same university in Hradec Kralové, I found myself with her and some other colleagues, in warm hall in the library.

"Do you remember me?"

Silence, and a gaze came down from her 180 centimeters, or so, of height. I carried on.

"That very hot day in Coimbra..."

"Yes, Yes."

"Oh great! So, how are you? It's very nice to see you again..."

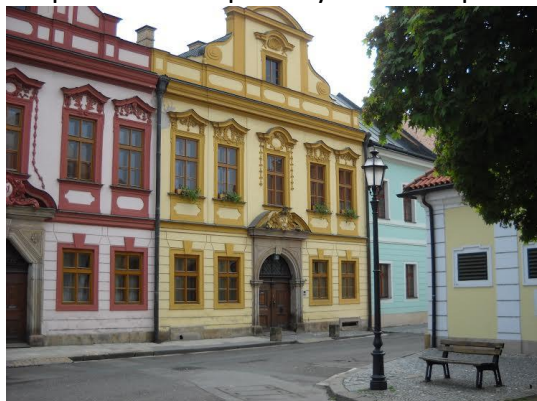
"Yes, yes."

The Elba River was freezing outside, and her gaze was frozen on me. I continued, zigzagging my eyes around the various colleagues who tried to follow our English conversation. I received one or two more 'yes, yes's until her gaze stood still and she cleared up any doubt in an assertive tone:

"I'm talking to my colleagues, I will talk with you later."

It's at times like these that a man desperately tries to thread his mind by putting his whole body through a hole. I had interrupted a conversation during a break at a seminar, in a hall of a public library; a moment which in Portugal would be used to chat a bit, and to meet and introduce people. But there, I committed a crime. My Czech colleague is not a cold person; she's a delightfully warm person who is very creative and cooks a delicious kaputzniska soup of dry kale and prunes, along with other treats. Her husband is a fun-loving professor of Social Work who cooks great on the grill.

My first-ever and unexpected culture shock in Europe occurred during my first Erasmus mobility, and my first visit to the Czech Republic.



# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

Since that day I have returned to work with Zuzana and Jan; I met another Zuzana and Jan, and two Mireks, as well as a few other people with names that I'm not used to hearing. In the past four years Zuzana and Jan have returned to Portugal and to Coimbra. They conducted some research on Czech families living in Portugal for which they employed a visual-participatory methodology, which I had suggested and co-directed. Therefore, I was able to collaborate with them on an article about the findings.

They return every year to expand the collection of a Czech cultural library that they helped to found in Faro. I have been returning to Czech Republic and to Hradec Kralové to give classes and conduct workshops on a socioeducational work tool that I have developed. Our families meet up and we always host one another. We share home-cooked meals and discuss our work and our lives until the early hours of the morning. I'm starting to grasp enough Czech vocabulary to order food or meet people, and they take Portuguese classes at the University. They also set up a Portuguese culture club, Club Café Pessoa. They have already met other colleagues from ESEC. In 2014, I represented ESEC and Portugal at a conference on Social Work at the University of Hradec Kralové.

Over time we've even traded wine for beer and fresh fish for grilled cheese; the warmth of our country for a verdant urban landscape; ruined houses for pretty medieval buildings. We receive students from there, and today they have two ESEC students there for internships. We each learn from the other. We work together, we share ideas, and we share small revolts against the turbines of exacerbated globalization, real and invented crises, and the ailments that harm the most vulnerable among us. We, just as much as they, are on the periphery and dominated constantly by external forces. Despite this, there will always be *vepřové* with beer, or sardines with white wine. There will still be work and friendships that we continue to construct.



**Rita Pinto**

## **Balanço de 2 anos ERASMUS+**

O programa Erasmus+ entrou em vigor no ano letivo 2014/2015 introduzindo mudanças significativas nas mobilidades internacionais, nomeadamente, a possibilidade de realização de vários períodos de permanência para estudos e estágio para recém-diplomados.

O Gabinete de Relações Internacionais, sentindo a necessidade de promover o “novo” programa e as mudanças introduzidas junto do estudantes, realizou sessões de informação em sala de aula sobre o Erasmus+ -“Erasmus+: oportunidades para estudantes” - em todos os cursos da ESEC, turmas do 1º e 2º ano.

Ainda no sentido de proporcionar informação atualizada sobre o Erasmus+, procedemos à alteração da página *online* do Gabinete. No ano 2014/2015 adotámos ainda o procedimento de candidaturas e gestão *online* das mobilidades, permitindo uma mais célere e eficaz gestão dos processos, quer por parte dos beneficiários, quer do gabinete.

No ano letivo 2014/2015, o Gabinete de Relações Internacionais geriu 203 processos de mobilidade internacional: 109 mobilidades *outgoing* e 94 mobilidades *incoming*.

Tipo de mobilidade	Nº de mobilidades executadas
Mobilidade de estudantes para estudos – <i>outgoing</i>	39
Mobilidade de estudantes para estágio – <i>outgoing</i>	32
Mobilidade de docentes para missão de ensino – <i>outgoing</i>	23
Mobilidade de pessoal para formação – <i>outgoing</i>	15
Mobilidade de estudantes para estudos – <i>incoming</i>	68
Mobilidade de docentes para missão de ensino – <i>incoming</i>	26
	<b>203</b>

Ainda no ano 2014/2015, o GRI promoveu o Curso de Português Língua Estrangeira (PLE), destinado a todos os estudantes estrangeiros do Instituto Politécnico de Coimbra, contando com a participação de 79 estudantes.

No ano letivo 2015/2016, o Gabinete de Relações Internacionais executou 211 mobilidades: 107 mobilidades *outgoing* e 104 mobilidades *incoming*.

Tipo de mobilidade	Nº de mobilidades executadas
Mobilidade de estudantes para estudos – <i>outgoing</i>	37
Mobilidade de estudantes para estágio – <i>outgoing</i>	32
Mobilidade de docentes para missão de ensino – <i>outgoing</i>	24
Mobilidade de pessoal para formação – <i>outgoing</i>	14
Mobilidade de estudantes para estudos – <i>incoming</i>	77
Mobilidade de docentes para missão de ensino – <i>incoming</i>	27
	<b>211</b>

No ano 2015/2016, o Curso de Português Língua Estrangeira (PLE) contou com 119 estudantes.

Em relação às mobilidades executadas verificamos que continua a haver uma tendência de crescimento. Também no que diz respeito às mudanças do Erasmus+, a avaliação é positiva, sendo que de entre as mobilidades executadas nos anos 2014/2015 e 2015/2016, sete estudantes são “repetentes”, beneficiando da possibilidade de vários períodos de mobilidade, e tivemos 5 recém-diplomas em estágio.

### ERASMUS +: 2 years in perspective

The Erasmus+ programme came into force in the academic year 2014/2015 introducing significant changes in international mobility, including the possibility of holding various periods of mobility for studies and internships for recent graduates. The International Relations Office, attending the need to promote the "new" programme and introduced changes, with the students, organized information sessions in the classroom "Erasmus +: opportunities for students" in all courses the ESEC, classes of 1st and 2nd year. Still in order to provide updated information on the Erasmus+, we have changed the online Office page. In the year 2014/2015 we have also adopted the an online system to applications and management of exchange procedures, allowing a faster and more effective management of mobility, either by the beneficiary or the IO.

In the academic year 2014/2015 the International Office managed 203 international mobility processes: 109 mobilities outgoing and 94 incoming mobilities.

Type of mobility	Number of mobility achieved
Mobility of students for studies – <i>outgoing</i>	39
Mobility of students for practices – <i>outgoing</i>	32
Mobility of staff for teaching – <i>outgoing</i>	23
Mobility of staff for training – <i>outgoing</i>	15
Mobility of students for studies – <i>incoming</i>	68
Mobility of staff for teaching – <i>incoming</i>	26
	<b>203</b>

Still in the year 2014/2015 the GRI promoted the Portuguese Language Course (PLE) for all foreign students at the Polytechnic Institute of Coimbra, with the participation of 79 students.



In the academic year 2015/2016 the International Relations Office performed 211 mobilities: 107 mobilities outgoing and 104 incoming mobilities.

Type of mobility	Number of mobility achieved
Mobility of students for studies – <i>outgoing</i>	37
Mobility of students for practices – <i>outgoing</i>	32
Mobility of staff for teaching – <i>outgoing</i>	24
Mobility of staff for training – <i>outgoing</i>	14
Mobility of students for studies – <i>incoming</i>	77
Mobility of staff for teaching – <i>incoming</i>	27
	<b>211</b>

In the year 2015/2016 the Portuguese Language Course (PLE) had 119 students.

Regarding the executed mobilities we founded that we keep a growing trend. Attending the changes of the Erasmus+ programme, the evaluation is positive. Among the mobilities performed in years 2014/2015 and 2015/2016, seven students have two exchange periods, benefiting from the possibility of multiple periods of mobility, and 5 students have completed an internship as new graduate students.

## IIº CONCURSO LITERÁRIO INTERNACIONAL DO CLP/CAMÕES EM LUBLIN: “UMA PALAVRA, UM CONTO”

Não é de hoje que se ensina português em Lublin e posso dizer sem falsas modéstias que somos uma referência na Polónia. Prova disso é que celebramos 35 anos de ensino da língua portuguesa na Universidade Maria Curie Sklodowska em 2015 e desde 2005 que temos o único Centro de Língua Portuguesa/Camões (CLP/C) no país. Os elementos do departamento de Estudos Portugueses não limitam a sua atividade ao ensino ou investigação mas colaboram assiduamente com o CLP/C na organização das mais variadas atividades. De entre as várias iniciativas o Concurso Literário é uma das que são da minha inteira responsabilidade. Já lá iremos.

Nestes 16 anos a ensinar português na UMCS sempre dei uma grande importância à componente escrita e agora que vivemos numa época onde se escreve pouco e mal nem sempre é fácil motivar os alunos para a escrita. Basta dar uma vista de olhos pelos comentários às notícias dos jornais *on-line* portugueses e polacos e perceber que o Tarzan tem discípulos em todo o lado. E isto acaba por ser visível também entre a população estudantil. Não quero com isto dizer que os meus alunos escrevam mal mas é um facto que a maioria encara a escrita como um fardo. Foi precisamente para mudar isto que em 2010 a minha colega de departamento, a dra. Justya Wisniewska, teve a ideia de criar uma revista escrita pelos nossos alunos. Com o apoio financeiro do então Instituto Camões editamos o primeiro número da Água Vai em outubro do mesmo ano e até ao momento foram publicados seis números.

Como o alcance da revista é limitado não só pelo número reduzido de exemplares mas também pela periodicidade anual, decidimos abrir o blog [revistaaguavai.blogspot.com](http://revistaaguavai.blogspot.com) em 2011. Tal como na revista os artigos são da autoria dos alunos e a linha editorial apenas impõe uma regra: que sejam escritos em português e que estejam de alguma forma ligados a Portugal, aos países de língua portuguesa ou à Polónia. Quanto às áreas temáticas a liberdade é total. Ver um artigo seu publicado na revista ou no blog passou a ser então uma forma de premiar e reconhecer os melhores textos produzidos pelos alunos o que constitui uma motivação extra e motivo de orgulho pessoal para todos eles.

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

Inspirado pelo talento para a escrita criativa de alguns deles decidi então organizar um concurso literário internacional. O concurso é destinado a falantes não nativos e para além de descobrir novos talentos o objetivo principal passa mais uma vez por incentivar o gosto pela escrita em português. Na primeira edição do concurso recebemos contos de Espanha, Itália, Polónia e Uruguai tendo sido atribuído o primeiro prémio ex aequo a Kamila Wiśneswska da Polónia e a Serena Cacchiloli de Itália.

Na segunda edição o júri teve o trabalho dificultado pela maior quantidade de textos a concurso mas principalmente pela qualidade o que se refletiu na atribuição dos três primeiros prémios ex aequo a seis concorrentes. Desta vez chegaram-nos contos da Argentina, Uruguai, Espanha, Roménia, Polónia, China e Índia e se no primeiro concurso o tema era livre agora pedimos que a partir de uma palavra escolhida pelo autor este criasse um conto. Nas páginas seguintes podem ler os contos premiados:

Abel Losa Vidal (Espanha) – 1º lugar ex aequo  
Sylwia Jablonska (Polónia) – 1º lugar ex aequo  
Anna Krupa (Polónia) – 2º lugar ex aequo  
Malgorzata Stankiewicz (Polónia) – 2º lugar ex aequo  
Debora Mirosław (Polónia) – 3º lugar ex aequo  
Joanna Dudek (Polónia) – 3º lugar ex aequo  
Ana-Maria Paunescu (Roménia) – Menção honrosa

Espero sinceramente que sejam do vosso agrado e que não procurem reconhecer apenas o seu valor literário mas acima de tudo valorizem que há quem goste de se expressar numa língua que não é a sua mas que a ama como fosse.

## **Lino Matos**

Docente do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Maria Curie Skłodowska, Lublin, Polónia.



## **THE 2<sup>nd</sup> INTERNATIONAL CLP/CAMÕES LITERARY CONTEST IN LUBLIN: “ONE WORD, ONE STORY”**

It is not just today that Portuguese is being taught in Lublin and I can say without false modesty that we are a reference in Poland. Proof of this is that we are celebrating 35 years of teaching Portuguese at the Marie Curie Skłodowska University in 2015 and since 2005 we have hosted the only Portuguese Language Center/Camões (CLP/C) in the country. The elements of the Portuguese Studies department do not limit its activities to teaching and research but allows for assiduous collaboration with the CLP/C in organizing a greater variety of events. Among these other initiatives is the Literary Contest – the responsibility for which falls entirely unto me.

During the past 16 years, as I have taught Portuguese at UMCS, I have always place a great amount of emphasis on the importance of teaching writing and now that we find ourselves in a time in which we are writing less and poorly, it is not always easy to motivate students to write. Just give a glance at the comment sections of online Portuguese and Polish newspapers and you will find that Tarzan has disciples all over. This also comes across among the student population. I, by no means, am saying that my students write poorly, however, it is a fact that a majority face writing as a burden. It was for this very reason that in 2010, my colleague from the Department, Dr. Justya Wisniewska, had the idea to create a student-written magazine. With financial backing from the Camões Institute, we edited the first issue of *Água Vai* in October of that same year and have since published a total of six issues.

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

Since not only the reduced number of copies limits the reach of the magazine, but also by the annual periodicity, we decided to start a blog in 2011 – revistaaguavai.blogspot.com. Just as is the case in the magazine, students author the articles here and the editorial board imposes one sole rule: that the pieces be written in Portuguese and somehow connected to Portugal, lusophone countries, or Poland. In terms of thematic content, the writers have complete freedom. To see an article get published in the magazine or on the blog became a way to reward and recognize the best texts produced by our students, which also served as an extra motivation and personal pride for all of them.

Having been inspired by some students' talent for creative writing, I decided to organize an international literary contest. The contest is for non-native speakers and in addition to discovering new talents; the main objective is to grow an interest in writing in Portuguese. In the first contest, we received submissions from Spain, Italy, Poland, and Uruguay. Kamila Wiśneswska of Poland and Serena Cacchiloli from Italy shared the first place prize.

During this second contest, the judges had a difficult job due to the increased quantity and quality of the submissions, which is reflected by the fact that six entrants shared the top three prizes. This time around, we received pieces from Argentina, Uruguay, Spain, Romania, Poland, China, and India. Last time the contest had no specific theme, this time we asked that each author write a story based on a chosen word. Below you will find the winning stories:

Abel Losa (Spain) – 1<sup>st</sup> Place (tie)

Sylvia Jablonska (Poland) – 1<sup>st</sup> Place (tie)

Anna Krupa (Poland) – 2<sup>nd</sup> Place (tie)

Malgorzata Stankiewicz (Poland) – 2<sup>nd</sup> Place (tie)

Debora Mirosław (Poland) – 3<sup>rd</sup> Place (tie)

Joanna Dudek (Poland) – 3<sup>rd</sup> Place (tie)

Ana-Maria Paunescu (Romania) – Honorable Mention

I sincerely hope that you not only find these works pleasant and that you recognize their literary merit, but that above all else you value the fact that there exist those who wish to express themselves in a language that is not their own but which they love nonetheless as if it were.

**Lino Matos**

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

Professor, Department of Portuguese Studies of Marie Curie University  
Skłodowska, Lublin, Poland.

## Abel Losa Vidal

Barcelona, Espanha

1º prémio ex aequo / 1<sup>st</sup> Place (tie)

*Às três pessoas que despertaram em mim o interesse pela língua portuguesa, os meus professores no Instituto Camões de Barcelona Pedro Álvares, Alberto Simões e, muito especialmente, Marina Magalhães.*

### **A verdadeira história de Portugal, palavra de honra!**

No princípio era a Palavra, e a palavra colocou numa mala vogais, consoantes, acentos agudos, graves e circunflexos, maiúsculas e minúsculas. O certo é que a viagem foi um pouco acidentada. Já desde bem cedo os solavancos obrigaram-lhe a desenvolver a sua capacidade criativa. Um 'L' ficou todo torto e tornou-se o til, um 'i' incrustado nos pés dum 'c', o cê cedilhado. Ninguém ficou surpreso, portanto, quando ao chegar ao seu destino, as terras mais ocidentais da Europa, a companhia de transportes decidiu compensá-la -o cliente tem sempre razão- com um pacote especial V.I.P. (acrónimo, como é bem sabido, de Verbos no Infinitivo Pessoal).

As pessoas que ali moravam deram à palavra as boas-vindas de braços abertos e com a boca quase fechada. Começaram a usá-la, sim, mas não como os outros povos do sul da Europa, aos gritos e fazendo grande barulho. Os lusitanos sabiam que além das suas costas a civilização terminava. As profundidades do oceano estavam cheias de monstros marinhos gigantescos e de cartazes anunciando a fronteira com o Fim do Mundo. 'Nem pensar o que aconteceria se essas criaturas enormes acordassem', diziam as pessoas entre sussurros e murmúrios. É por isso que os lusos, nessa altura e ainda hoje, falavam à meia, e até a um quarto de voz.

Na verdade, ninguém nunca disse que os inícios foram fáceis. A passagem do latim para o português submergiu a palavra numa profunda crise de identidade, o que a levou algum tempo depois a desenvolver uma forte tendência autodestrutiva. A palavra lutava contra si mesma. Cultura contra cultura, religião contra religião, homem contra homem, corpo a corpo. Tempos da Reconquista, nos quais os cristãos estavam a combater os muçulmanos que moravam na Península Ibérica.

'Dou-te a minha palavra de honra', disse o futuro rei Dom Pedro I à sua amada, Inês de Castro, 'de que serás rainha'. E, efetivamente, assim foi. 'Dom Pedro é um homem de palavra', declarou o taxidermista real aos frades copistas e aos demais meios de comunicação ali presentes, enquanto dava os toques finais ao cadáver da Inês minutos antes de ser proclamada rainha.

A força da palavra, em todas as suas formas -negociações, tratados, promessas, acordos, mentiras, enganos, epístolas, discussões, convenções, compromissos, ameaças, cartas, escritos, cumprimentos, missivas, pactos- permitiu aos portugueses nos séculos XV e XVI fundar colónias além dos mares e instaurar relações comerciais para adquirirem produtos exóticos e transportarem-nos para a Europa. Bartolomeu Dias, Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral, entre outros, exportadores da palavra e importadores de açafrão, açúcar, ouro, metais preciosos, tabaco, cacau ou café. Com a força da palavra. E às vezes também, segundo algumas pessoas com a língua afiada -o quão ruim é a inveja!-, com a força das armas.

Fortes abalos sacudiram a terra quando a palavra de Deus estava a ser proclamada nas igrejas no Dia de Todos-os-Santos de 1755. Vogais e consoantes por terra, sílabas desconexas e verbos mal conjugados. Palavras emudecidas e interjeições ensurdecedoras. Mas depois do sismo, o maremoto e os incêndios, como frequentemente acontece, veio a bonança. Letra sobre letra a antiga cidade medieval tornou-se a Lisboa pombalina.

Sem palavras ficaram os portugueses quando na manhã de 29 de Novembro de 1807 viram zarpar do porto de Lisboa, às pressas, a família real toda, nobres, ministros, bispos, comerciantes, pontapés e empurrões. E sem palavras também ficaram os brasileiros quando por volta das quatro da tarde de 8 de Março de 1808 viram desembarcar no porto do Rio, de passo moroso, um príncipe regente muito gordo, Dom João -papada caída e barriga protuberante-, avesso ao banho, princesas com as cabeças rapadas e infestadas de piolhos e uma corte fatigada e alquebrada pela viagem. O *glamour* e a *haute couture* não couberam no porta-bagagem; no fim de contas, a família real tinha levantado âncoras para fugirem dos franceses.

No século XX, a palavra sofreu de uma afonia com paralisia quase total das cordas vocais e da liberdade de expressão, de ensino e de reunião e precisou ser substituída pela censura durante algumas décadas. Nessa altura, até quase todas as vogais do apelido do ditador Salazar foram censuradas e só pôde conservar o 'a'. Por fim, depois de vários tratamentos, gargarejos e balas de menta, a doença desapareceu e a palavra pôde, inclusive, animar o seu time, os Cravos Vermelhos, na decisiva partida que disputou e venceu no Estádio Novo no dia 25 de Abril de 1974 contra o time do Lápis Azul [parágrafo visado e autorizado pela Censura].

E eis aqui a palavra, hoje um bocadinho mais velha do que há um tempo atrás, com vista cansada e pequenos achaques sem importância, sentada num autocarro e lendo um guia de viagem da Irlanda. Também ela, evidentemente, tira férias de tempos a tempos. Quando lê 'Witamy w Polsce' num imenso cartaz à beira da autoestrada, pergunta surpreendida ao rapaz que está ao seu lado e que dá pelo nome de Sebastião Manuel Silva (S.M.S.):

- Bem-vindos à Polónia? Porquê está escrito isso?
- Pq estamos a chegar ao nosso destino :-), responde o rapaz.
- Polónia? Não é Dublin? - A palavra tira do bolso os óculos de leitura, coloca-los, olha de novo o bilhete de autocarro e suspira.
- Próxima paragem: Lublin! -, anuncia o condutor.

**Abel Losa Vidal:** Nasci no mês de abril de 1977 na cidade de Barcelona, ali onde confluem os sons do mar Mediterrâneo, da língua espanhola e da língua catalã. Estudei Direito na universidade e fiz cursos de pós-graduação na área de gestão económica. Trabalho numa entidade bancária, mas embora viva rodeado de números, percentagens e taxas de juros, a minha grande paixão são as letras. Desde muito novo, a tesoura foi a minha aliada: recortava as caixas de bolachas e as dos pequenos



eletrodomésticos para eu poder ler e comparar os ingredientes e as instruções escritos em diferentes línguas. A minha estante é uma pequena e modesta Torre de Babel. Estudo línguas estrangeiras no meu tempo livre. Bati à porta do Instituto Camões de Barcelona há dois anos atrás e em junho de 2015 terminei o nível avançado de língua portuguesa. Em setembro fui de férias a Lisboa e aproveitei para fazer ali também um curso de língua.



# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

**Abel Losa Vidal:** I was born in Barcelona – the city in which one finds the confluence of the sounds of the Mediterranean and the Spanish and Catalan languages – in 1977. I studied law as an undergraduate and took post-graduate courses in economic management. I currently work for a bank, but although numbers, percentages, and tax rates surround my life, my fondest passion is for literature. As a young child, I would cut out the backs of cookie boxes and compare the ingredients and instructions written in different languages. My bookcase is a modest Tower of Babel. In my free time, I study foreign languages. Two years ago, I knocked on the door of the Camões Institute in Barcelona, and in June of 2015 I finished the advanced level of Portuguese. In September I traveled to Lisbon for vacation and took advantage of my time there to take another language course.

## **Sylwia Jabłońska**

Polónia

1º prémio ex aequo / 1<sup>st</sup> Place (tie)

### **Perdição**

Era uma menina triste. Tinha mãos feitas de água e coração feito de agulhas. Ninguém conhecia a sua idade, mas era jovem com esta juventude frágil e inocente que precisa de ser protegida. O seu corpo era feito de vidro, a sua pele parecia fina demais, via-se perfeitamente as suas veias e parecia que se olhasses com suficiente atenção, poderias vê-la inteira, ver o seu estômago, o seu coração, sangue a fluir nas suas veias. Quando se movia, tinhas medo de que os seus ossos partissem a sua pele como se fosse papel. Se ficavas ao seu lado, calado, calmo, nunca conseguias ouvir a sua respiração, como se não precisasse de oxigénio para funcionar, mas sim conseguias ouvir o latido do seu coração. Lembro-me dela cada dia, vou lembrar-me até ao dia da minha morte, até que o meu corpo se converta num pedaço de carne, devorado pelo tempo, comido pela terra. Os seus olhos eram dois digitalizadores, scanners, olhava para as pessoas como se observasse não a sua cara mas o seu interior. Sentia-se nela a liberdade, a coragem, a inteligência. A verdade. Passar um minuto com ela era como o cheiro dos morangos, como o primeiro orgasmo, como

ouvir Pixies pela primeira vez. Era coisa que não se esquecia, lembravas-te daquele minuto durante muito tempo, durante muitas noites passadas ao lado de outras mulheres na procura de um pouco de esquecimento.

Fecho-me na minha casa com uma garrafa de whisky, um Suntory. Ponho a música, Tom Waits. Aqueço a ganza, misturo-a com um pouco de tabaco, preparo um charro. Apago as luzes, fumo lentamente, viro um pouco de whisky no copo. Tenho tempo. Está calor, então tiro a roupa e fico no chão, a olhar pela janela, a ouvir música. Em baixo há uma festa, ouço os jovens a gritarem, no ar sente-se esta patética combinação de álcool barato, batatas fritas, perfumes de Pingo Doce e feromonas. Uma felicidade simples para pessoas simples. Ponho a música ainda mais alto para separar-me daquela vanidade. Existo só para ti, minha linda. Existo para ti.

....

Tinha vinte e cinco anos e terminava os meus estudos da economia. Não era como a maioria daquelas crianças que só começam a estudar para passar mais cinco anos da sua vida de festa, a jogar computador e procurar o sentido da vida em vômitos às cinco de manhã numa casa de banho depois de uma festa nas casas de pessoas desconhecidas. Em vez disso realizei alguns projetos interessantes e fiz estágios nas firmas mais prestigiadas do país. Jogava na bolsa. Praticava natação e esgrima, dançava tango, lia muitos livros, sabia cozinhar bem e dormia sozinho só quando de verdade não me apetecia ter companhia.

Vi-a num bar. Estava fatigado depois de todo o dia de trabalho. Comecei a trabalhar numa empresa, porque foi a forma mais rápida de conseguir salário bastante interessante, pelo menos até que conseguisse o diploma e pudesse trabalhar em alguma coisa mais séria. Atraiu o meu olhar de imediato. Adoro as mulheres e conheço-as todas. As sempre cheias de energia, que falam muito, com muita gesticulação, não param de se mexer, vendem o otimismo em quilogramas. Também são as mais fáceis de conquistar. Depois há mulheres que todos os dias vestem a mesma roupa, quase não usam maquilhagem e se o fazem, os resultados são trágicos, porque as suas trémulas mãos não estão acostumadas a criar esta falsa identidade pintando a cara. Procuram amor, um pouco de entendimento, querem ter filhos, um trabalho estável. Há também este grupo de mulheres frias, sempre de saltos altos, como a maioria das minhas colegas do trabalho. Vivem fechadas no seu pequeno mundo da empresa, roupa elegante, comida saudável, ginásios e romances.

Ela era diferente. Estava sozinha e não parecia estar a espera de ninguém. Vestia um vestido branco que descobria os seus braços, um pouco queimados pelo

sol. Não merece a pena descrevê-la. Aliás, não merecia a pena nem mostrar a sua fotografia, porque a beleza duma mulher não se esconde na sua fisionomia. Esconde-se em pequenos gestos, na maneira em que olha para ti, a atenção que presta quando estás a falar, este olhar concentrado que tem sempre antes de dizer alguma coisa, como se escolhesse cada palavra com muito cuidado e tecesse um vestido deles. Cada conversa com ela foi uma canção, foi uma poesia.

Surpreendeu-me que tirou o tabaco da sua bolsa e começou a fazer um cigarro. Julgaria que não fumou na sua vida. Aproximei-me dela. Pelo que eu saiba, existem dois tipos de homens: os que, quando uma mulher precisa de isqueiro simplesmente dão-lho o e os que lhe acendem o cigarro. Eu sou dos segundos. Olhou para mim surpreendida. A verdade é que existe só uma frase que nunca falha quando tentas fazer uma mulher apaixonar-se por ti.

– Como é que te chamas?

– Jadira- respondeu. Tinha uma voz delicada e forte ao mesmo tempo, parecia trabalhada, como se fosse cantora ou atriz.

– Jadira... Posso sentar-me aqui contigo?

– Depende- o fumo de cigarro incomodava-me, eram Marlboro Vermelhos. Odeio cigarros.

– Depende do quê?

– Antes de te sentares aqui tens de jurar que não vais apaixonar-te por mim.- Sorri, mas a sua cara continuava séria, os seus olhos fixados nos meus olhos, o cigarro acendido nos seus lábios.

– Tento deixar- disse, como se só agora se apercebesse que estava a fumar.

– Não vou apaixonar-me por ti. Juro. Posso sentar-me?

– Podes- sorriu e, por mais patética que pareça esta descrição, foi o sorriso mais belo que já vi.

Acho que sentar-me ali aquele dia foi uma das melhores decisões que tomei na minha vida. Foi o início do meu fim. Cada segundo que passámos juntos foi fascinante. Escapava cada possível definição, cada limite, cada classificação. Resultou que acabou de vir do Catar, ou pelo menos foi isso que me disse. Criou-se numa família camponesa no profundo interior do Brasil, no meio de nada e passou a maior parte da sua infância a trabalhar no campo e a cuidar das crianças mais pequenas na aldeia. Ela própria não tinha irmãos, a sua mãe morreu durante o parto. Quando o seu pai morreu ela tinha quinze anos e saiu do país para poder estudar, mas nunca conseguiu nem sequer terminar a escola secundária. Contudo, não foi isso sobre o que falámos naquele primeiro dia, obviamente. Falámos sobre Rilke, sobre filosofias

de Nietzsche e Schopenhauer que ela nalguma maneira inexplicável complementava com o seu próprio raciocínio, com as mitologias e contos, mostrando-me uma imagem mais profunda e mais fascinante do mundo do que qualquer um dos meus amigos universitários fez durante toda a minha vida. Olhar com os seus olhos era ver o mundo completamente diferente. Era como ver o mundo inteiro, todas as coisas ao mesmo tempo. Apaixonei-me por ela no mesmo dia que a conheci, mas fiz questão de evitar que se visse. Eramos amigos. Bons amigos, mais nada.

Começamos a encontrar-nos todos os dias. Sempre ou na minha casa, ou nos parques, em bares, ao lado do rio, dávamos passeios de quilómetros e quilómetros. Nunca percebi bem onde vivia e ela nunca queria dizer-me. Não queria forçar a situação, força-la a dizer-me coisas que preferia guardar para si. Deixei o meu trabalho, por mais absurdo que pareça. Com o dinheiro que poupei podia viver tranquilamente três, quatro meses sem trabalhar, disse a todos que dediquei-me aos estudos. Mas dediquei-me a ela. Em princípio pensei que mentia. Contava-me milhares e milhares de histórias, sobre as suas viagens, sobre como chegou à Índia, como viajou pela Austrália inteira e falava sobre ir à Bolívia como se fosse a cinco minutos daqui, ao pé da minha casa. Amava mitos e contos, para ela substituí os grossos livros sobre impostos e economia europeia pelas mitologias de todo o mundo, contos africanos, o Mahabharata, o Alcorão, a Bíblia. Não era religiosa, mas era completamente apaixonada pelos contos. Costumávamos ficar longas horas deitados no parque a inventar histórias sobre as pessoas que víamos. Lembro-me que durante todo aquele tempo pediu-me só uma coisa. Pediu-me música. Ficávamos às vezes as tardes inteiras deitados na minha cama, a ouvir música. Excitava-se como uma criança quando podia ouvir alguma coisa nova e eu nunca era mais feliz do que naqueles momentos em que via os seus olhos a brilharem, este sorriso inocente nos seus lábios, ilusão quase infantil. Introduzi-a ao mundo de Nina Simone, de Portishead, de Nick Cave, Tom Waits, Beth Hart, Dead Can Dance, Loreena McKennitt. Nunca toquei nela. Nem uma vez. Não porque não queria, mas porque não tinha coragem para fazê-lo. Era como um pássaro, como um gato, podia fugir em cada momento. Não queria que fugisse. Queria que ficasse na minha vida para sempre.

Um dia já não podia aguentar os seus segredos. Morria de curiosidade de saber onde vivia, em que trabalhava, o que fazia quando não estava comigo. Decidi ir atrás dela, para poder, pelo menos, ver onde vivia. Quando nos despedimos, comecei a segui-la, sentindo-me a pior pessoa do mundo, sentindo que com cada passo estava a trair a sua confiança em mim, a destruir tudo o que havia entre nós,

por mais frágil que já fosse. Depois de uns vinte minutos apercebi-me aonde ia. O bairro Cloreta. O bairro dos drogados e alcoólicos. O que fazia ela ali? Entrei atrás dela no prédio. No portão estava um homem meio nu, só com calções, olhou para mim sem perceber o que via e fechou os olhos. A baba caiu dos seus lábios sujando o seu peito. Vi-a subir e subi atrás dela. Terceiro andar. Fiquei nas escadas, ouvi a porta fechar-se. Subi. Não sabia o que fazer. Fugir? Falar com ela? Perguntar a outras pessoas se a conheciam? Quem era aquela mulher? Quem era aquela criatura misteriosa, com milhares de histórias, com cheiro a alfazemas e o que fazia aqui, no meio do pior bairro da cidade? Pressionei a maçaneta da porta. Nem sequer bati. Estava aberta, entrei lentamente. A sala estava quase vazia. Havia lá só uma mesa, um sofá e uma mala, aberta. Alguém estava deitado no sofá, mas não se apercebeu de que entrei. Um homem, podia ter uns trinta e cinco anos, seguramente estava drogado. Na mesa havia uns pratos sujos, preservativos, tabaco e haxixe. De repente tudo ficou mais claro. Os dias inteiros sem trabalho nem obrigações, as nódoas no corpo que tentava cobrir com mais roupa, inutilmente. Era uma prostituta. Uma simples prostituta.

– Era uma vez... uma serpente.

Saltei, assustado.

– Jadira... Não devia seguir-te, desculpa...- comecei.

– Uma serpente- Ficou apoiada à parede. Parecia cansada. Resignada- Uma menina encontrou-a no meio da praia. No princípio ficou com medo, mas a serpente abriu a boca e disse, não tenhas medo de mim. Não é a minha verdadeira forma, sou um príncipe vestido na pele de serpente. A menina não confiava nela, mas aproximou-se e viu que os olhos de serpente eram tão profundos e tristes como olhos de qualquer ser humano que pisa a terra. Ficaram amigos e a menina passava dias inteiros na praia, a falar com a serpente. Mas o animal ficava cada vez mais fraco. Como posso ajudar-te, perguntou a menina. Sabes nadar. No fundo da água há uma caixa. Durante um mês, todas as noites tens de mergulhar, apanhar a caixa e vir com ela até à superfície. Depois tens de abri-la para que possa ver a lua, mas sem tu olhares para o que há dentro dela. Depois tens de deixar a caixa exatamente onde a encontraste. Assim todas as noites durante o mês inteiro. Percebeste? Sim, percebi. E a menina começou a fazer o que a serpente lhe tinha pedido. Todas as noites fugia da sua casa, mergulhava, com os olhos fechados abria caixa, mostrava o seu conteúdo à luz da lua e depois colocava-a no mesmo lugar em que a encontrou. Só que não conseguia aguentar a curiosidade e na última noite abriu os olhos para ver o que havia dentro da caixa. Um coração. O coração da serpente. Mal a menina o viu,

este começou a converter-se em pó. A menina, desesperada, nadou até à praia e encontrou lá um homem, um príncipe. Era o meu coração o que tinhas entre as tuas mãos. O meu coração que, segundo a profecia tinha de ficar nas mãos da mulher amada à luz da lua durante um mês, antes que pudesse converter-me em homem. Mas podes só sentir o coração, não podes vê-lo. Quem o sente, vive feliz. Quem o trai, mata. E assim o jovem morreu no meio da praia e o seu belo corpo converteu-se em pó.

– Jadira...

– Sai. Sai daqui.

Saí, sem poder olhar para ela, para a sua cara cheia de desgosto. Mas voltei lá no dia seguinte, e seguinte, durante muito tempo. Perguntava sobre ela, procurava-a, mas ninguém sabia nada, ninguém a viu, ninguém a conhecia, desapareceu como se nunca tivesse existido. A minha andorinha, a minha única. A minha serpente que deixou o seu coração em mãos não preparadas para este peso. Ouvei falar dela só uma vez. Recebi um envelope enviado de algum lugar do Chile. Continha um livro, um livro de lendas. Não estava assinado mas sei que foi ela quem o enviou. Nunca mais soube dela, mas estou à espera que reapareça na minha vida algum dia. Às vezes parece-me que é ela, nalgum comboio, no meio da rua, mas é sempre só uma ilusão. Mesmo assim, continuo à tua espera. Continuo a tua espera, minha linda.

Vila Real, dezembro de 2015

**Sylwia Jabłońska:** estudante de mestrado em Filologia Portuguesa na UMCS em Lublin. Participou duas vezes no programa Erasmus, em Lisboa e em Vila Real. Licenciada em Filologia Ibérica. Começou a estudar português quando entrou na universidade e desde então apaixonou-se por esta língua. Em Portugal ama o oceano, fado, marisco, vinho, paisagens de Trás-os-Montes e licor de amêndoa amarga. No seu tempo livre gosta de ler, ouvir música (com um amor especial por Portishead e Nick Cave), dançar tango argentino, tirar fotografias e viajar.



**Sylwia Jabłońska:** is a master's student in Portuguese Philology at UMCS in Lublin. She participated twice in the Erasmus program, once in Lisbon, and once in Vila Real. Holding a bachelor's degree in Iberian Philology, she began her studies of Portuguese

when she entered university and has since become passionate for the language. In Portugal, she loves the ocean, fado, seafood, wine, the landscapes in Trás-os-Montes, and bitter almond liqueur. In her free time, she likes to read, listen to music (especially Portishead and Nick Cave), dance Argentine tango, take photographs, and travel.

## **Anna Krupa**

Polónia

2º lugar ex aequo / 2<sup>nd</sup> Place (tie)

### **A fotografia**

#### **Presente**

Era uma vez uma fotografia velha, antigamente preta e branca. Porém, como todos sabem, o passar do tempo muda tudo e não salvou nem um papel fotográfico. Tornou-o amarelo. Uma fotografia especial, mesmo que ninguém o admitisse. A única testemunha desta história amorosa, que não teve um final feliz. O único espectador do filme cinzento dirigido pela vida e pelas decisões imprevistas.

Num dia cheio de sol, numa casa numa cidade pequena, uma menina decidiu fazer limpezas no sótão. Entre as coisas velhas da sua tia encontrou numa mala um saco com recordações. Levada pela curiosidade abriu o saco e começou a ver as coisas pertencentes à sua tia falecida. Na maioria eram só fotografias. A tia com as amigas, os bisavós, a tia no trabalho, a tia na praia, a tia com as irmãs. “Tão bonita. Como era possível que nunca tivesse casado nem ter tido filhos?” pensou. A menina decidiu pôr as recordações no mesmo lugar, mas como era desajeitada o conteúdo do saco caiu no chão e espalhou-se por todo lado.

- Fogo! - escapou-se da sua boca.

- Ai menina, menina, tão impaciente e com a língua tão afiada - a avó entrou no sótão.

- Uma menina não deve perder o controlo, mesmo numa situação difícil. Quantas vezes preciso repeti-lo?

- Avó, desculpe. Agora vou ter de limpar tudo.

A menina pôs-se a arrumar o chão. De repente, os seus olhos fixaram-se na cara de um homem. Levantou a fotografia e começou a estudá-la com atenção. A fotografia devia ter uns 70 ou 80 anos. Era o retrato de um homem jovem, que podia ter uns 25 anos. Tinha os olhos escuros, com um olhar inteligente, os lábios carnudos

e o penteado típico da época dos anos trinta do século XX. Além disso, era muito elegante, vestia fato e uma gravata-borboleta. Na fotografia aparecia escrito o seu nome... Simon. A menina virou a fotografia. Ficou desiludida, porque pensava encontrar alguma informação sobre o retrato. Alguma anotação, data, cidade. Porém, encontrou só uma palavra. França.

- Então este Simon era francês! – gritou com satisfação, de tal modo que assustou a coitada da avó.

- Meu Deus, quem era francês? – a avó aproximou-se da menina. Olhou para a fotografia igualmente surpreendida como a sua neta.

- Não conheço nenhum Simon. Não me lembro que a Maria o mencionasse alguma vez.

- Mas por que razão guardou esta fotografia?

A menina era conhecida na família não só por ser desajeitada e torpe, mas também teimosa como uma mula. Por isto, decidiu fazer a investigação do passado da sua tia Maria. Não foi tarefa fácil porque a maioria das pessoas que a conheciam já tinham morrido. Mas conseguiu.

## Passado

- Volto só para o fim de semana trazer umas coisinhas para a minha família. Vemo-nos na segunda, querida. Tocou a sua cara com um gesto tão cheio de amor, que se o guarda os visse logo perderiam a vida. Os nazis não permitiam que as relações se desenvolvessem no campo de prisioneiros. Mesmo assim isto acontecia. Todos eram jovens e o tempo da guerra destruiu completamente as suas vidas. Uns ainda crianças, outros já com a data de casamento marcada. Todos os sonhos, todas as esperanças desapareceram, arrancadas brutalmente pelas decisões de dois homens com muito, até demasiado poder. Foram anos que a guerra durou. Milhões de mortos, milhões de feridos, milhões de viúvas, milhões de órfãos. Sabemos bem os números, mas na multidão perderam-se as histórias individuais das testemunhas que viveram o terror, a violência e a crueldade em carne e osso. Dentro do saco das histórias não contadas há uma que merece ficar no papel para que as gerações futuras possam dar uma olhada e refletir sobre a importância das decisões.

O Simon nasceu em 1918 na capital de França. Filho único, de um médico e de uma cantora, teve uma infância muito feliz. A segunda guerra mundial quebrou a sua vida em mil pedaços. O seu pai foi obrigado a participar na guerra, a mãe faleceu e o próprio Simon foi incorporado no exército. Esteve em vários países até terminar, no último ano da guerra, no território da Polónia. Trabalhava na construção da



estação de energia sendo prisioneiro no campo de prisioneiros em Miechowitz, atualmente um bairro de Bytom.

A Maria nasceu numa vila na região de Silésia, na primeira metade da década de vinte do século XX. Os tempos da sua infância foram sempre difíceis, dado que a família era numerosa e só o pai é que trabalhava. A Maria era uma jovem muito bonita, com os olhos azuis, cabelo escuro e longo. Conseguia encontrar emprego nos lugares distintos até começar o trabalho na cozinha no campo de prisioneiros em Bytom. Assim cruzaram-se as vidas de dois jovens tão distintos, mas ao mesmo tempo tão semelhantes. O Simon viu um par de olhos azuis e perdeu completamente a cabeça por ela. Tentava discretamente chamar a atenção da menina sem causar-lhe problemas. Era muito bem-educado, conseguia ainda espalhar o seu charme apesar de todas as vivências na guerra. É possível dizer que graças à Maria o brilho voltou aos seus olhos. Por outro lado, para a Maria não foi a primeira vez que alguém a adorava, pois era uma menina muito linda. Porém, foi a primeira vez que ela própria sentiu afeto por alguém. Cada vez que ia servir-lhe a comida as suas mãos começavam a tremer, o seu coração queria saltar para fora e a coitada não podia fazer nada para controlar o seu corpo.

Nem a falta do idioma comum constituiu um obstáculo, conseguiram comunicar-se meio alemão meio polaco. O Simon escreveu os primeiros pedidos dos encontros nos pedaços de papel que encontrou no lixo. Não era fácil conseguir vários objetos do dia a dia e o papel encontrava-se na lista dos desejos dos prisioneiros para poderem escrever as cartas para as suas famílias. Os jovens conseguiam ter os encontros secretos de vez em quando graças à ajuda dos amigos. Era perigoso e arriscavam as suas vidas porque os nazis que administravam o campo proibiram as relações entre os prisioneiros e o pessoal. De vez em quando a Maria voltava a casa para o fim de semana, levando comida e dinheiro para a sua família. Nestes momentos o Simon ficava triste esperando a sua chegada. O amor e a paixão entre eles florescia, foram meses difíceis, mas cheios do carinho. Até ao dia 20 de janeiro de 1945.

Foi um sábado igual a tantos outros em que Maria regressava a casa. Antes de sair encontrou-se com o Simon para despedir-se dele.

- Vou só para o fim de semana levar umas coisinhas para a minha família. Vemo-nos na segunda, querido. - Tocou a sua cara com um gesto cheio de amor. Não sabiam que esta despedida ia ser a última. Quando Maria se afastou, Simon sentiu dor no seu peito, mas já estava habituado a isto e ignorou.

No dia 20 de janeiro de 1945 as tropas do Exército Vermelho entraram na vila natal da Maria. A menina conseguiu voltar a casa mas a situação tinha mudado: já não eram os nazis que mandavam mas os russos. Uns dias depois as tropas entraram em Miechowitz e fecharam o campo dos prisioneiros. O que aconteceu com os nazis e os prisioneiros? Ninguém sabia. Alguns dizem que fugiram quando apareceu a notícia sobre o Exército Vermelho, outros falam abertamente que foram mortos pelos russos. Os arquivos mencionam a massacre dos polacos em Miechowitz entre os dias 25 e 28 de janeiro de 1945 pelas tropas russas. Se o Simon estivesse livre não iria procurar o amor da sua vida? Não apareceria à porta da casa da Maria?

A Maria nunca soube mais nada sobre o Simon. Supunha que estava morto, mas sem as provas tinha ainda um pouco de esperança que ia aparecer algum dia em frente da sua casa e iam casar-se. Era o seu grande sonho. Contudo, a vida escreve outros guiões. Com o passar dos anos, ainda muito linda, a Maria rejeitava os pretendentes da sua mão. No seu coração não havia mais espaço para ninguém. Infelizmente, tornou-se uma mulher amarga e rude, pois não podia suportar a felicidade das suas irmãs. A felicidade que lhe foi arrancada pela entrada dos russos. A aparente liberdade que trouxe o Exército Vermelho para os polacos deu um fim à época feliz na vida da Maria, mesmo sendo a época da ocupação alemã.

Podiam ainda perguntar o que aconteceria se a Maria não voltasse a casa naquele fim de semana. Seguiria o mesmo destino dos outros polacos mortos em Miechowitz? Será que esta decisão salvou-lhe a vida? Pode-se colocar mais e mais perguntas que vão ficar sem resposta. Alguém vai dizer que, pelo menos, viveu este amor tão forte que ninguém é capaz de experimentar. No entanto, toda a alegria de Maria morreu com Simon. Só vai entender isso alguém que tenha perdido também o amor da sua vida.

A fotografia amarela encontrada no sótão foi a única testemunha do amor entre Maria e Simon. Foi o tesouro guardado pela Maria. Não se sabe como o Simon conseguiu guardar o seu retrato durante tantos anos de guerra, mas o facto é que o ofereceu à sua amada. Muitas vezes as fotografias são os objetos mais valiosos nas nossas vidas, mas damos-nos conta disso só após a morte das pessoas amadas. Graças às fotografias podemos uma vez mais ver o sorriso, o brilho no olhar, as emoções na cara de outra pessoa. Além disso, as fotografias captam o momento exato



# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

e fugaz, que a nossa memória costuma esquecer. Eis o grande poder da fotografia.

**Anna Krupa:** nasci em pleno verão do 1992 na região da Silésia. Na adolescência comecei a escrever um blogue onde podia libertar os pensamentos e esvaziar a cabeça. Apaixonada pela língua espanhola decidi tirar a licenciatura em Estudos Ibéricos na Universidade Maria Curie-Skłodowska em Lublin, seguida do mestrado nos Estudos Portugueses na mesma Universidade. Lá, comecei a escrever em português e descobri a facilidade de transmitir as minhas ideias nos contos. E assim começou a minha aventura com a escrita criativa. Gosto de observar as pessoas, porque o seu comportamento constitui uma fonte inesgotável de inspiração para as minhas histórias, junto com as viagens e a experiência de viver no estrangeiro. Podem ler os meus outros contos no blogue [boina-preta.blogspot.pt](http://boina-preta.blogspot.pt).

**Anna Krupa:** I was born in midsummer of 1992 in Silesia. As a teenager I began to keep a blog in which I emptied my thoughts and cleared my mind. Having been impassioned for the Spanish language, I decided to receive my Bachelor's degree in Iberian Studies followed by a Master's in Portuguese Studies from the Marie-Curie Skłodowska University in Lublin. While there, I started to write in Portuguese and realized just how easy it was for me to transmit my ideas through short stories. That is how my adventure in creative writing began. I like to observe people – their behavior is an unstoppable source of inspiration for my histories, this coupled with my own travels and experience living abroad. You can read my other stories on my blog at: [boina-preta.blogspot.pt](http://boina-preta.blogspot.pt).

## **Małgorzata Stankiewicz**

Polónia

2º lugar ex aequo / 2<sup>nd</sup> Place (tie)

### **ERRO**

Na infância olhava com uma sombra de inveja para os meus amigos. Eles sempre sabiam o que iam fazer no futuro, desde pequenos tinham uma ideia para a sua vida, conheciam os seus objetivos e sabiam como os atingir. Eu mentia quando

perguntado o que queria fazer quando crescer. Lembro-me que uma vez ouvi a minha mãe a pedir à sua irmã que não me lesse Cinderela de Hans Christian Andersen porque não faz nada bem ao desenvolvimento das crianças, pois o único que ensina é que o mais importante na vida é ser lindo, rico e não trabalhar. Talvez tenha sido este conto que fez com que não fosse como os meus amigos?

O Tiago, como a maioria dos miúdos, queria ser herói. Quando finalmente aceitou que não tinha vindo do planeta Krypton, na sua vida aconteceu algo que lhe iluminou o caminho para ser um herói verdadeiro. Tinha cinco ou seis anos quando viu o incêndio que queimou a casa dos seus vizinhos. Durante um inverno rigoroso quando a vizinha punha lenha na lareira, um pedaço incandescente caiu no chão de azulejos. Num instante, todo o edifício explodiu em chamas e o pequeno Tiago observou a luta perigosa dos bombeiros contra o fogo. Ficou muito impressionado com a sua coragem e a dedicação para salvar a vida das pessoas completamente desconhecidas. Ele quis ser como eles, quis fazer o mesmo.

Quando começou a trabalhar sentiu-se enganado, pois a maioria das ações consistia em tirar gatos de árvores. O seu sonho era atirar-se ao fogo para salvar a vida de um ser inocente. Podia ser até um gato, mas preso entre as chamas e não entre folhas. Um dia ocorreu-lhe uma ideia genial para desenvolver a sua carreira. Agora é procurado por uma vaga de fogos postos. Conseguiu fugir para Nápoles onde passa os dias observando as ondas agitadas do mar Adriático.

Foi a avó da Luísa quem mais influenciou a sua vida. Quando tinha já 70 anos ficou doente com hemofilia. Os médicos, apesar de tentar, não foram capazes de a ajudar. A pequena Luísa sentiu-se tão desesperada, quis salvar a avó, mas não sabia como. Então decidiu estudar medicina e no futuro salvar as vidas, curar os avós de outras pessoas, ajudar os doentes e as suas famílias. Durante o estágio num hospital reparou numa lógica muito estranha dos pacientes e familiares. Quando uma pessoa fica doente – ninguém é culpado, quando um doente morre – é a culpa do médico, e quando os médicos conseguem salvar a vida – é graças a Deus! A Luísa achou que não valia a pena dedicar-se a seres tão ingratos e tornou-se veterinária.

Coitado do Nuno. Pensei muito nele no verão passado. Dizem que a sua morte foi bonita porque faleceu fazendo o que amava mais na sua vida. Conseguem perceber o paradoxo? Primeiro, a morte nessa idade não pode ser bonita de nenhuma maneira. Ele queria ser viajante e atravessar o mundo à procura de aventuras. Tornou-se vítima dos seus objetivos, foi assassinado pelos seus sonhos. Morreu durante a tentativa de chegar ao topo do monte Everest e agora o seu corpo fica ali, congelado, marcando a rota para outros alpinistas. A neve faz com que as

memórias da nossa infância e da nossa amizade voltem com mais força. Expliquem-me, por favor, que parte disto é aquela «bonita».

O João foi a pessoa mais ambiciosa que eu conheci. Como acontece muitas vezes, não somos formados pelo que temos, mas por aquilo que nos falta. Os pais do João conheceram-se num concerto dos Beatles e acreditavam que *all you need is love*. Os amigos tinham esperança que quando o bebé nascesse, eles prestassem mais atenção àquela coisa do orçamento familiar. Mas preferiam continuar na sua crença que o amor e os pequenos prazeres são mais importantes do que poupar dinheiro só para o ter. O João quis os prazeres maiores, isto é, quis ser multimilionário. Estudou Gestão, depois Economia e ao mesmo tempo abriu a sua própria empresa. Tinha uma visão muito clara, elaborou um plano de negócios e trabalhou, e trabalhou, e trabalhou. Depois dos créditos e subsídios começaram os problemas: burocracia, documentos, licenças, impostos, taxas, contribuições, seguranças, seguros, faturas, juros, autoridades... O João bebia quatro cafés antes do trabalho e quatro chás de erva-cidreira depois do trabalho. Uma noite quando não conseguia dormir, deu um passeio muito, muito longo. Caminhou pelas ruas já vazias observando as estrelas. Antes nunca tinha reparado na beleza do céu, pois não se pode ver muito do mundo estando rodeado por pilhas de papéis. Voltou à realidade quando ouviu a sineta da escola, seguido pelos risos e gritos de crianças pequenas de caras ainda livres de preocupações. Foi neste momento que notou um anúncio no bar ao lado: «precisa-se empregado de limpeza». Agora o João faz trabalhos clandestinos, não paga impostos, na verdade, nos tempos mais difíceis não paga nada, e é a pessoa mais feliz no mundo.

E eu? Não sei fazer muita coisa, não tenho habilidades, até menos conhecimentos e por isso, cometo muitos erros. Parece que vou ser escritor.

**Małgorzata Stankiewicz:** Na infância tentei desenvolver os talentos que nunca possui, para a música e para a pintura. Na escola primária segui a tradição familiar e concentrei-me na aprendizagem da matemática. Graças a uma professora excelente da língua polaca e inglesa aos 13 anos comecei a escrever e ganhar concursos literários. Na escola secundária escolhi a turma desportiva em que as aulas da biologia despertaram a ideia de estudar medicina. Enfim, tirei uma licenciatura em biblioteconomia, mas senti que não usei todo o meu potencial e decidi estudar algo novo, isto é, língua espanhola. Agora, terminando o mestrado da filologia portuguesa não faço a mínima ideia o que fazer com a minha vida.

**Małgorzata Stankiewicz:** Throughout my childhood I tried to develop talents that I never possessed, for music and for painting. In primary school I followed a family tradition and concentrated on studying math. Thanks to an excellent Polish and English language teacher that I had, at the age of 13 I began to write and even win some literary competitions. In high school I chose a sports sciences track and my biology courses sparked my idea to study medicine. At long last, I received a Bachelor's degree in Library Sciences, but I felt as though I wasn't using my full potential and decided to study something new, the Spanish language. Now, as I'm finishing my Master's in Portuguese Philology I have no clue what steps I'll take next.

## Debora Mirośław

Polónia

3º lugar ex aequo / 3<sup>rd</sup> Place (tie)

### Imperdoável

- ... Não se preocupe. Vai correr tudo bem.

Silêncio. A enfermeira desapareceu. Ficou sozinho. Outra vez sozinho. Ouve só o silêncio. Todos dormem. E ele não. Nada de novo.

- Tudo bem?

Silêncio. Até pode ouvir o bater do seu coração.

- Perguntei-te se estava tudo bem?

Abriu os olhos. Sim, estava sozinho. Estava a imaginar algo. Ou os medicamentos começaram a funcionar. Agora deveria tentar adormecer. Talvez desta vez, por fim, para sempre.

- TUDO BEM???

Abriu os olhos. Os olhos, agora grandes e em alerta. Olhou à volta. Não estava ninguém. Irritou-se. Maldita enfermeira. Por que não lhe deu alguns medicamentos que não provocassem este tipo de efeitos secundários? Mas calma. Agora deveria tentar adormecer. Talvez desta vez, por fim, para sempre. E quando ouvir esta insuportável pergunta, há que desatendê-la. Tranquilidade, é disto que ele mais precisa.

- Fiz-te uma pergunta. As pessoas bem-educadas respondem às perguntas. Queres?

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

- Não, não quero! - pensou
- Porquê?
- Porque sou uma pessoa mal-educada, que ademais não fala com as criaturas imaginadas.
- Mas, tudo bem?
- Para de perguntar-me!
- Porquê?
- Porque detesto esta pergunta.
- Porquê?
- Porque para esta pergunta há só uma resposta: sim. E porque todos fazem sempre esta pergunta.
- Quem são todos?
- Todos.
- E tu quem és?
- Tu és quem começou a falar comigo, e não sabes?
- Sei, mas quero conhecer a tua resposta.
- Sou humorista.
- Que bom! Conta-me uma piada!
- Não.

Silêncio.

Os delírios! Só isso lhe faltava. Como se a sua vida não fosse o suficiente complicada. Não lhe apetece falar nem com os vivos, e agora tem de falar com... este, quem quer que seja. É humorista? Não é. Era, mas não é. Quando deixou de ser? Não sabe. Teve de tudo. Fama, dinheiro, mulher, futuro. Não tem nada. Quando perdeu tudo isso? Tampouco sabe. Ou sabe, mas não quer reconhecê-lo.

Está deitado na cama e pensa. Há tempo que já não quer nada, que desistiu de lutar, que nem quer viver. Mas neste momento não quer dispensar a razão. E não quer dormir. A verdade é que está curioso. De quem era esta voz? Porque não fala com ele como todos os demais? Começou a lutar. Lutar contra si mesmo. Considerava-se uma pessoa inteligente, razoável, que nunca teria dúvidas de tipo: falar ou não com alguém que não existe. Como que não existe se falou com ele?

- Olá. Continuas aqui? – pensou.
- Sim. Sempre.
- Sempre?
- Sim. Sempre.
- Humm. Não importa. Gostaria de perguntar-te uma coisa?

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

- O quê?
- Quem és?
- E tu?
- Já te respondi. Sou humorista.
- Humorista que não quer contar piadas?
- Tens razão. Era humorista.
- E porque já não és?
- Porque deixei de sê-lo.
- Porquê?
- E porque tu não respondes às minhas perguntas e só fazes as tuas?
- Porque és tu quem precisa de falar.

Ele precisa de falar? Isto é ilógico. Ele foge das conversas. Relembrou-se dos tempos quando precisava de falar. Era famoso. Ganhava muito dinheiro falando.

As pessoas queriam ouvi-lo. Ninguém sabia fazer a gente rir como ele. Falava muito. Mesmo demasiado. Sim, então quando contou uma falsa história sobre o seu amigo. Ex-amigo. O Jorge sempre foi menos inteligente do que ele. Podia ser seu amigo em privado, mas uma pessoa famosa com um amigo assim? Isto não combinava. As pessoas gostaram muito da história. E o Jorge passou a ser para todo o povo um símbolo de parvidade.

- Não acho que preciso de falar. Perdi muito falando. Tive de deixar o trabalho, não pude suportar

os remorsos que sentia.

- Eu sei.
- Como é que sabes?
- Sei.
- E sabes que é muito difícil falar contigo?
- Sim, porque sou inteligente, como tu.

Sorriu. Há tanto tempo que não sorria. Está bem, sorria, mas não de verdade. Todos sabem o que significa não sorrir de verdade, não é? E agora sim. Sorriram os seus lábios, mas sorriu também o seu coração. Relembrou-se dos tempos quando sorria o tempo todo. Merda! Não é tão velho para passar o tempo lembrando! Mas não pôde parar. Foi quando a conheceu. Eram tão felizes. Pensava que nada ia destruir o seu amor. Estava errado.

- Porque deixaste de sorrir?
- Porque estou triste.
- E porque estás triste?



- E tu porque não estás?
- Porque não.
- Porque não, não é resposta.
- Assim dizem os adultos.
- E tu não és adulto?
- Pois claro que não!
- E quem és?
- Sou filho.
- Queres dizer: criança.
- Eu sei o que quero dizer. Sou filho.
- E quantos anos tens?
- Quatro, não sabes contar?

O seu coração acelerou. Acelerou? Batia como louco! Quatro anos. Há quatro anos não queria ser pai. Ela tampouco queria ser mãe. Tinham outros planos. Decidiram desfazer-se do problema. Foi então que tudo começou a destruir-se. Sobretudo entre eles. Deixaram de falar. Ela voltou para casa dos seus pais. Agora nem sequer sabe onde está.

- Pai? Sabes o que é imperdoável?
- O quê?
- Não perdoar.

Silêncio.

De repente sentiu uma dor penetrante. Mais forte do que alguma vez sentiu.

- Senhor Santos? Senhor Santos? Ouve-me? Senhor Santos? Assim, muito bem. Está no hospital de Santa Maria em Lisboa. Sofreu um acidente, foi atropelado por um carro. Passou três dias em coma. Não se preocupe, o seu estado já está estável. A sua mulher está aqui. Mas agora deve descansar. Está bem?

- Está bem. Muito bem. Tudo bem.



**Debora Miroslaw:** Nasci no dia 19 de março de 1993, sou estudante do primeiro ano do mestrado em Filologia Ibérica na Universidade Maria Curie-Sklodowska em Lublin, Polónia. Atualmente faço Erasmus na Universidade da Corunha.

**Debora Miroslaw:** I was born on March 19th, 1993. I am a first year Master's student at Marie Curie-

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

Sklodowska University in Lublin, Poland studying Iberian Philology. I am currently on Erasmus at the University of A Coruña.

## Joanna Dudek

Polónia

3º lugar ex aequo / 3<sup>rd</sup> Place (tie)

*Conto desenvolvido a partir da palavra aranha.*

### Ecce homem-aranha!

Acordei hoje num corpo de aranha. Sempre gostei de aranhas, por isso, se alguém achar que fiquei assustada ou surpreendida com este facto extraordinário, melhor que beba mais whisky (já que pelo menos no meu caso, esta famosa aguardente escocesa ajuda-me perceber a estrutura do mundo). Assim, nestas circunstâncias e com os olhos inconscientes e ainda cheios de remelas da noite anterior, tentei inquirir o meu corpo recém-atingido. Senhores e senhoras, revolução inegável! Com espanto descobri que agora possuía três pares de patas pretas, isto é... (se não me enganar) seis pedaços de pernocas peludas, à primeira vista bastante saudáveis e flexíveis. Usando-as caoticamente, comecei um tipo de viagem super maluca pela superfície do meu cefalotórax (já não tinha nem cabeça, nem tronco). Imediatamente percebi que cada perna tinha capacidade de se mover separadamente, isoladamente, inconscientemente... e espaçadamente entrava na sua, mais ou menos, bem delimitada área de movimento. Senhores e senhoras! Que coordenação impecável! Que espetacular técnica de isolação! *Popping* e *locking* no top dos top's! Fiquei absolutamente extasiada com esta descoberta e, sem pensar muito nisso, entrei num transe de sapateado aracnídeo! Se agora eu participasse no programa *The Voice of Portugal* (pois, Achas que sabes dançar? já não me importa, já sei que tu sabes que todos sabem que eu sei dançar!), e a minha voz tivesse as mesmas capacidades que as minhas pernas, seguramente todas as cadeiras teriam virado (mesmo a do Mikael Carreira). O público ficaria completamente louco e todo o júri começaria a grande luta pela minha pessoa peluda. Mariza tentaria convencer-me com as suas lágrimas de emoção, Mikael ficaria com a cara do não-tenho-nada-

pa-dizer (ainda melhor!) e Anselmo, o grande kizombeiro, diria: *é pá! Homem-aranha, és mesmo brutal! Tens muito power na tua voice. Fica na minha equipa.*

Infelizmente, as aranhas, tanto como as crianças, devem ser vistas, mas não ouvidas, por isso absolutamente desiludida, nem ousei tentar produzir algum barulho através do meu novo aparelho bucal. Lembrei-me logo das antigas aulas da biologia (com o velho professor que em vez de nos ensinar, aspirava o chão da sala e falava com as suas plantas) e dos poucos conhecimentos que consegui atingir naqueles tempos de miúda, conclui rapidamente que qualquer tentativa de reprodução acústica é absolutamente impossível. Dei-me conta de que agora nem tenho pulmões, nem cordas vocais, nem até diafragma. Ai Jesus! Maldito diafragma que apenas faz como que os coitadinhos dos vocalistas, estes digamos pouco talentosos, preferem fazer um haraquíri do que acreditar nas palavras dos seus tutores, que repetem sem parar: usa o teu diafragma! Canta pelo diafragma e um dia conseguirás atingir o nível dos vocalistas mais populares do país (isto é, Quim Barreiros...?) Maldito, maldito esse diafragma, maldita música de Quim Barreiros e maldita esperança, pois como dizem os provérbios eloquentes e sofisticados: Esperança não enche pança (nem enche diafragma) por isso quem se contenta com esperança, morre de fome. Pronto. Para sobreviver neste mundo hipócrita não chega atirar o rádio fora da janela quando toca a música pimba. As aranhas, ou melhor os homens-aranhas, precisam também de comer. E embora eu nem tivesse voz, nem esperanças, movi meticulosamente as minhas patas ao ritmo das palavras:

P	A	R	A
<b>Ardente</b>	<b>Ardente</b>	<b>Ardente</b>	<b>Ardente</b>
<b>Revolução</b>	<b>Revolução</b>	<b>Revolução</b>	<b>Revolução</b>
<b>Aracnídea</b>	<b>Aracnídea</b>	<b>Aracnídea</b>	<b>Aracnídea</b>
<b>Nunca</b>	<b>Nunca</b>	<b>Nunca</b>	<b>Nunca</b>
<b>Haverá</b>	<b>Haverá</b>	<b>Haverá</b>	<b>Haverá</b>
<b>Agonia</b>	<b>Agonia</b>	<b>Agonia</b>	<b>Agonia</b>

Essa grande revolta, esse grande movimento, movimento furioso das patas a sapatear, faz me pensar em voz baixa, ou seja, apenas nos pensamentos. Pensamentos, pensamento, pensar, penso. Eu penso, logo existo: diz uma vez, homem não aranha. De acordo, Estimado Senhor Filósofo, de acordo consigo! Pois, existir, existo. Pelo menos já consegui sentir-me neste espaço como um objeto físico. Graças ao palpar um bocadinho o meu novo corpo, cheguei à conclusão unânime (isto é com todas as minhas patas, que continuavam a exercer o seu sapateado

maluco) que seja o que for, eu encarno um tipo de matéria construída de vários átomos e moléculas. Assim ninguém tem direito de negar a minha existência, (especialmente neste mundo hipócrita, cheio da música de Quim Barreiros) mesmo que essa existência fosse trágica, caótica, sem acústica ou com lógica ilógica...

No entanto, voltando ao tema dos pensamentos, será que eu - homem meio homem meio aranha, penso pensamentos? Digam-me lá, rapidamente, os meus ouvintes com vozeirões como um rouxinol e com cérebros de macacos: será que uma aranha é capaz de pensar? Será que é capaz de pensar pensamentos pensativos? Infelizmente, a este assunto as memoráveis aulas da biologia já não chegam (apesar disso, ó meu grande professor de plantas! Mando beijinhos!) Para resolver este assunto pouco pensado, precisamos por isso entrar impetuosamente, e com todas as seis pernas peludas, na grande área da filosofia! Senhores e senhoras, ser ou não ser aranha pensadora, eis a questão violadora! Agora, quanto mais penso nisso (será que realmente estou a pensar?), quanto mais penso nisso...torno-me um verdadeiro homem-pensador-aranha. Torno-me um filósofo de todos os tempos e contratempos. Reflito acerca de toda nossa humanidade, da possibilidade de ser homem no corpo de uma aranha, da selvagem animalidade das pessoas, da inexistente guerra dos homens contra aranhas, de Spiderman, de Batman também e da Escrava Isaura (...e isso?). Desta

maneira, sou capaz de me aproximar do assunto mesmo filosófico. Até alcanço um tema bem controverso e revolucionário, chamado de antropofagia, e com todos os meus irmãos brasileiros, no papel dos artistas pseudo-modernistas, grito (grito apenas nos pensamentos, porque a voz é um elemento que seguramente não tenho): *Tupy or not tupy, that is the question* da nossa campanha, eis a questão do homem aranha!

Sinto muita pena, mas tudo isso de revolução, das manifestações e de gritos em voz alta, nunca foi o meu lado forte. Por causa de me preocupar com os temas tão sérios, (e por causa de gritar tanto nos pensamentos) a minha cabeça começou a doer (será que a dor de cabeça já confirma a capacidade de pensar?). Por isso, para não a esforçar demasiado, decidi concentrar-me outra vez no meu novo corpo e continuar a viagem por esta superfície peluda. D

e

s

c

i, por tanto, ao nível da barriga, ou seja, ao lugar onde antes costumava ter um elemento corporal bem

reconhecido como barriga-pança-estômago-berço do diafragma (maldito, maldito esse diafragma...). Depois de um bué momento de palpitar apaixonadamente o novo território com todas a minha patas, encontrei apenas um abdómen animal. Isso mesmo, senhores e senhoras, um verdadeiro abdómen de aranha. Já não tinha nada da minha barriguinha bem esculpida e bronzeada (que fiquem em paz todas as horas passadas a exercer com Mel B para conseguir o meu *six pack* dos sonhos...) Absolutamente desmotivada e cheia de resignação s

u

b

i então de novo ao nível do meu cefalotórax recém-atingido. Nesta área podia pelo menos pensar. Pensar em paz e no silêncio da minha voz que, por não existir, não tinha nem muito *power* nem estava em risco de poder ser criticada por Mikael Carreira. Neste silêncio quase sacro, ao ritmo do sapateado maluco das minhas patas ávidas, simplesmente podia pensar. Pensar e cantar silenciosamente: para Ardente Revolução Aracnídea Nunca Haverá Agonia e que bom, que mesmo bom é neste dia, só ao homem aranha, só a si próprio fazer companhia.



**Joanna Dudek:** Sou estudante do mestrado em Filologia Portuguesa na UMCS em Lublin. O meu primeiro encontro com a língua portuguesa aconteceu por pura casualidade mas a impressão foi tão forte que fiquei apaixonada para sempre. Através do programa Erasmus vivi 5 meses em Faro, o que me ajudou muito a perceber melhor a cultura lusófona. Adoro viajar, conhecer novas culturas e aprender idiomas estrangeiros, mas o meu mundo não é composto apenas das letras. Sou professora de dança e bailarina profissional, especializada em dança oriental, assim dedico cada momento livre a movimento, música e ritmo. Interesse-me também por teatro e por artes plásticas e, de vez em quando, escrevo críticas teatrais. Porém, a minha forma preferida de expressão não verbal é a poesia. É mesmo na poesia onde posso descobrir-me e encontrar-me novamente todos os dias.

**Joanna Dudek:** I am a Master's student in Portuguese Philology at UMCS in Lublin. My first encounter with the Portuguese language occurred by sheer chance, but the impression I was left with was so positive that I fell in love with it. Through the

Erasmus program I was able to spend 5 months in Faro, which helped to grow my knowledge of lusophone culture. I love to travel, to meet new culture, to learn foreign languages, but my world is not just one of letter. I'm a dance teacher and a professional ballerina, specializing in Eastern dance. My free time is dedicated to movement, music, and rhythm. I'm also interested in theatre and in the plastic arts, and at times, I write theatre critiques. My favorite form of non-verbal expression is poetry. It's through poetry that I discover myself anew each and every day.

## **Ana-Maria Păunescu**

Roménia

Menção honrosa / Honorable Mention

### **Xadrez**

A menina gosta de xadrez. Sem conhecer todas as regras. E sem ter um tabuleiro verdadeiro. (Alguma vez o teve). Começa cada partida com os olhos fechados, tentando com a ponta dos dedos provar, com a frágil obscuridade que a rodeia, a cor das peças. Adora as brancas. Nunca ganha com elas. De vez em quando, joga com o seu pai. Que já partiu para outros destinos. Um dia triste de Novembro, quando as pessoas costumam sair da casa para comprar legumes. A menina, esse outono, saiu para dizer adeus. Era só uma criança. Uma criança que, até um ponto, tinha tido uma vida feliz. Pelo menos, era isso o que diziam os vizinhos. Antes do desastre, cantava, ia ao parque do bairro, cheirava com o seu pequenino nariz as flores que se negavam a florir. Quando tinha só quatro anos, já sabia os nomes dos países europeus do Oeste. O Norte assustava-a. O Sul era uma terra desconhecida. O Este era seu. Como o último pedaço de bolo de chocolate da casa.

Xadrez. A menina gosta do xadrez.

- Pai, vem. Agora tens de jogar tu.

- Pai? Estás aí?

Ninguém responde. Pela primeira vez, ninguém responde. A menina que gosta do xadrez começa a chorar. As suas lágrimas escorrem sobre o tabuleiro de madeira quase gelado. A menina não compreende nada. O tabuleiro do xadrez está marcado pelos dois jogadores: o pai e a menina. Tem no lado esquerdo uma estrela

feita com a ponta dum lápis antigo. E no lado direito a letra A, escrita por uma mão forte. A menina olha para as marcas da cumplicidade e sente, de repente, muito frio.

- Pai, tens de vir logo. O nosso xadrez está doente. Tens de vir. Hoje as peças vêm vestidas só de preto. Não encontro as minhas brancas! O tabuleiro começa a mover-se. O que é que acontece? Alguém fala sobre nós. Está a dizer que somos os últimos que têm a oportunidade de usar esta nobre madeira para o jogo. Pai? Pai, vem. O que é que isso significa? Estou com medo. Pai!

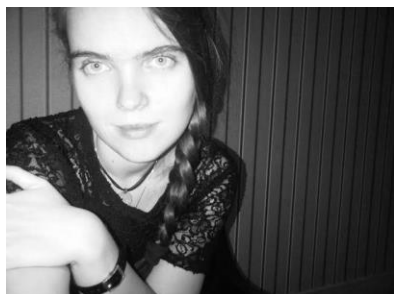
- ...

Era a noite de Novembro. Novembro. Dia cinco. Pela primeira e última vez, o pai da menina não responde às súplicas da sua filha. Não se ouve nenhuma palavra. O xadrez está doente. As peças negras caminham sobre o tabuleiro – leais soldados – como se se despedissem. A menina observa a revolução do xadrez com uma cara cheia de surpresa. Junta as palmas e sente que no quarto, com ela, há muita gente. Já não chora. Nem chama o seu pai. O pó da casa levanta-se do chão e chega até a altura dos olhos azuis dela, dando voltas num círculo quase opaco.

A menina já não pode ver o que acontece por causa do falso nevoeiro.

Hoje é o dia do funeral. Vestida de preto, ela está aí. Chora. Quando não chora, tenta aquecer as mãos geladas do seu pai. Às vezes, fala com ele. A gente vem e passa. O tempo também. A noite não a pode afastar do caixão. Ela está aí. Verdadeiramente aí. O caixão tem na parte esquerda uma estrela. Na direita, a letra A. Hoje, a menina joga xadrez. Já não tem tabuleiro. Ninguém entende o que é que tinha acontecido com ele. Só a menina sabe que, em realidade, o tabuleiro de xadrez nunca desapareceu.

- Olha, pai! Estou a ganhar! Outra vez estou a ganhar! Xeque-mate.



**Ana Maria Păunescu:** sou escritora e jornalista romena, nascida em 1990 no dia de Natal. Até agora publiquei cinco livros de versos na minha língua natal e no presente trabalho também no domínio do jornalismo para um jornal cultural e para um sitio web de notícias. Tenho um programa de rádio na SmartFM da Roménia, cada quinta-feira e tento promover as artes, a poesia e a música com

mensagem. Costumo participar em congressos de literatura portuguesa e espanhola, sendo estas duas as minhas principais zonas de interesse, já que tenho estudei na Faculdade de Letras de Bucareste, especialidade Espanhol-Português (2009-2012) e depois, entre os anos 2012 e 2014, o mestrado de Estudos Hispânicos (Universidade

# MOVEON

Revista Internacional - Edição #2, 2016

de Bucareste). Atualmente, sou doutorando da Academia Romena e, como sempre, continuo apaixonada pelas letras e pela literatura que, de vez em quando, tento transferir em palavras e em contos...

**Ana Maria Păunescu:** I am a Romanian writer and journalist born on Christmas Day 1990. To date I have published five poetry books in my mother language and I currently work as a journalist for an online cultural newspaper. Every Thursday, I host a radio show on SmartFM in Romania through which I try to promote the arts, poetry, and music with message. I frequently attend conferences on Portuguese and Spanish literature, as these are my two main areas of interest. I have a Bachelor's Degree with a specialty in Spanish-Portuguese from the School of Letters of Bucharest (2009-2012) and a Master's in Hispanic Studies from the University of Bucharest (2012-2014). Currently, I am working towards a PhD from the Romanian Academy, and as always, my passion for words and letters which I translate into stories and works of literature continues...

Ω